



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA**

**JANIELLY LINHARES FREITAS**

**DISTOPIAS DE AUTORIA FEMININA:**  
GÊNERO E RELIGIÃO EM *O CONTO DA AIA* E EM *A PARÁBOLA DO SEMEADOR*

Cajazeiras – PB

2021

**JANIELLY LINHARES FREITAS**

**DISTOPIAS DE AUTORIA FEMININA:**

GÊNERO E RELIGIÃO EM *O CONTO DA AIA* E EM *A PARÁBOLA DO SEMEADOR*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus de Cajazeiras*, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

**Orientador:** Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.

**Área de concentração:** Estudos Literários.

Cajazeiras – PB

2021

F866d	<p>Freitas, Janielly Linhares.</p> <p>Distopias de autoria feminina: gênero e religião em o conto de Aia e em a parábola do sementeiro / Janielly Linhares Freitas. - Cajazeiras, 2021. 51f.</p> <p>Bibliografia.</p> <p> </p> <p>Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.  Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Inglesa)UFCG/CFP, 2021.</p> <p> </p> <p>1. Estudo literário. 2. Estudo de gênero. 3. O conto da Aia.  4. A parábola do sementeiro. 5. Atwood, Margaret. 6. Butler, Octavia.  7. Gênero - Religiosidade e cultura. 8. Distopia. I. Ferreira Júnior, Nelson Eliezer. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.</p> <p> </p> <p>BS/CFP/UFCG <span style="float: right;">CDU-82.09</span></p>
-------	--

## FOLHA DE APROVAÇÃO

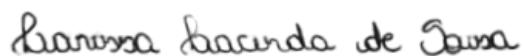
Banca Examinadora

Monografia aprovada em 18 / 10 / 2021



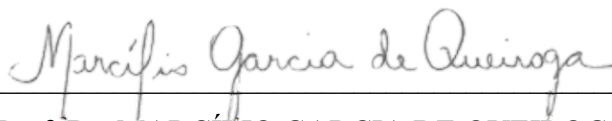
---

Prof. Dr. NELSON ELIEZER FERREIRA JÚNIOR  
Orientador



---

Profa. Ma. LARISSA LACERDA DE SOUZA  
Examinadora 1



---

Prof. Dr. MARCÍLIO GARCIA DE QUEIROGA  
Examinador 2

---

Prof. Ma. LUCIANA PARNAÍBA DE CASTRO  
Suplente

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força concedida diante das dificuldades encontradas ao longo da minha jornada.

À Sandra e Zé Felipe, meus queridos pais que, sempre foram meus maiores incentivadores. Dedico esse trabalho a eles, por acompanharem minha educação todos esses anos, e, acima de tudo, pela força e dedicação para que eu pudesse tornar meus sonhos possíveis.

Ao meu orientador, Professor Dr. Nelson Júnior, por ter acreditado na premissa dessa pesquisa, pelas contribuições, paciência e incentivo. Os seus direcionamentos impressos neste trabalho, agregaram um valor imensurável à minha escrita e à minha formação.

A todos os meus professores do curso de Letras, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), pela partilha de conhecimentos.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e ao Programa de Residência Pedagógica (RP), em especial aos professores Me. Fabiane Gomes e Dr. Marcílio Garcia, por compartilharem comigo os saberes durante essas experiências incríveis no processo da minha formação e também à toda a equipe de colegas e preceptores que deram sentido a esses projetos.

À minha professora e amiga Kaliane Farias que, desde o Ensino Fundamental e Médio, me fez sentir interesse por estudar a Língua Inglesa e pelo exemplo da profissão.

Às minhas colegas Cícera Naelly e a Marília Gabriela, por terem me indicado os livros incríveis nos quais me propus a pesquisar.

A todas as amigas que o curso de Letras me proporcionou, especialmente Aline, Marília, Raphael, Vanessa, Jéssica, Alex, Milena, Pâmela, Flávia e Rhaul, por compartilharem comigo esses últimos quatro anos com muita leveza e companheirismo.

Aos meus amigos Wellington, Rute, Izabela, Luciclaudio e ao meu companheiro Bruno, que foram meu suporte ao longo desta jornada, que sempre estão presentes na minha vida, compartilhando os momentos difíceis, as conquistas e tornando a minha vida mais feliz.

Por fim, mas não menos importante, às autoras Margaret Atwood e Octavia Butler, pelos seus escritos e pela coragem.

*O Destino da Semente da Terra é criar raízes entre  
as estrelas.*

*Octavia Butler*

## RESUMO

O presente trabalho investiga nos romances *O conto da Aia* (2017), da canadense Margaret Atwood, e *A parábola do Semeador* (2018), da afro-americana Octavia Butler, as questões de gênero relacionadas à religiosidade presente nas obras por meio das protagonistas femininas. Partiu-se da ideia de reconhecer e trazer as obras distópicas de autoria feminina para a pesquisa acadêmica, visto que há uma longa tradição canônica que se detém, em sua maioria, a analisar as obras masculinas na literatura distópica. Desse modo, delineia-se as distopias de autoria feminina pela atemporalidade e por trazerem, em seu íntimo, a problemática das forças opressoras do patriarcado existentes nas sociedades, sendo este um sistema que permeia as relações entre o masculino e o feminino desde os primórdios da humanidade. Destaca-se, também, a discussão sobre como a religião interfere nessas questões desiguais em termos de gênero. Para tanto, trata-se, de uma pesquisa bibliográfica e analítica, utilizando como base teórica, principalmente, os textos de Connell e Pearse (2015), Scott (1995) e Perrot (2007) referentes aos estudos de gênero, e de autores como Umberto Eco (1989), Hilário (2013) e Silva Júnior (2019), os quais delimitaram importantes aspectos referentes ao estudo da ficção científica e da distopia. Nesse sentido, depreende-se através das análises realizadas que existem pontos que convergem em ambas narrativas, cada uma trazendo protagonistas que sobrevivem à opressão das classes dominantes, mas que possuem personalidades que se diferem.

**Palavras-chave:** Distopia; Estudos de gênero; Religião; Margaret Atwood; Octavia Butler.

## ABSTRACT

This work investigates in the novels *The Handmaid's Tale* (2017), by Canadian writer Margaret Atwood, and *Parable of the Sower* (2018), by African-American Octavia Butler, the gender issues related to religiosity present in the works through female protagonists. It was based on the idea of recognizing and bringing dystopian works of female authorship to academic research since there is a long canonical tradition that mostly focuses on analyzing the male works in dystopian literature. Thus, the dystopias of female authorship are delineated by timelessness and by bringing, in their hearts, the problem of the oppressive forces of patriarchy existing in societies, this being a system that permeates the relations between the masculine and the feminine since the beginnings of humanity. We also highlight the discussion about how religion interferes with these unequal gender issues. For this, it is bibliographic and analytical research, used as a theoretical basis, mainly, the texts of Connell and Pearse (2015), Scott (1995), and Perrot (2007) referring to gender studies, and authors such as Umberto Eco (1989), Hilário (2013) and Silva Júnior (2019), which delimited important aspects related to the study of science fiction and dystopia. In this sense, it was clear from the analyses that there are points that converge in both narratives, each bringing protagonists who survive the oppression of the ruling classes, but they had personalities that are different.

**Keywords:** Dystopia; Gender Studies; Religion, Margaret Atwood; Octavia Butler.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 GÊNERO, RELIGIOSIDADE E CULTURA.....</b>	<b>9</b>
2.1 MARGARET ATWOOD E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	16
2.2 OCTAVIA BUTLER E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA .....	18
<b>3 O ROMANCE DISTÓPICO NO SÉCULO XX .....</b>	<b>21</b>
<b>4 QUESTÕES DE GÊNERO E RELIGIOSIDADE A PARTIR DAS PROTAGONISTAS: .....</b>	<b>26</b>
4.1 OFFRED – <i>O CONTO DA AIA</i> .....	26
4.2 LAUREN – <i>A PARÁBOLA DO SEMEADOR</i> .....	33
4.3 OFFRED E LAUREN.....	39
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Analisar a literatura é um trabalho complexo, é por meio dela que temos contato com outros contextos históricos e outras culturas. A Bíblia cristã é exemplo de um dos textos mais antigos da história da humanidade, que, para os mais religiosos, foi escrita por efeito de inspiração divina e também pelo tempo vivido por Jesus na Terra. Dividida em antigo e novo testamento, ela exerceu, perante o pensamento milenar, o dever de cumprir o que nela estava escrito. Na ótica do texto literário, ela pode ser analisada pelo seu enredo, construções das parábolas, as metáforas, entre outros elementos. Entretanto, ao mesmo tempo, é necessário refletir como esse texto interferiu e ainda interfere nas relações sociais, e como isso tem reverberado até hoje. Dessa forma, é também por meio da análise literária que podemos perceber até quão longe irá essa ideologia de interpretar e fazer cumprir “à risca” os mandamentos bíblicos, e até que ponto isso poderá afetar o futuro.

Imaginar o futuro é, pois, uma ansiedade humana desde primórdios muito antes dos textos bíblicos, vide os mitos. Povos mais antigos que os cristãos e de outras culturas tinham suas formas de tentar prever o futuro. Como seria se, no futuro, existissem robôs? O que a sociedade se tornaria com a presença de alienígenas entre os seres humanos? E se existissem super heróis? Essas questões podem ser facilmente encontradas na literatura de ficção científica, onde há algumas vezes, um tom otimista quando o futuro é pensado com a presença de uma grande evolução tecnológica, ou com a própria evolução social. Por outro lado, nos questionando de forma mais pessimista, podemos fazer a seguinte pergunta: como seria a sociedade se o problema que permeia o contexto presente se tornasse ainda maior no futuro? Essa dúvida, como propõe Hilário (2013), é um elemento característico do gênero distópico.

As distopias, portanto, geram críticas a questões sociais e de gênero, utilizando aspectos da literatura que permitem explorar os excessos configurados pelas relações de controle e de opressão social, de forma a questionar ideias sólidas de estruturas de poder. Neste sentido, nessas narrativas a tecnologia também pode ser usada para explorar as imagens intrigantes por meio da ficção e levantar questionamentos sobre aspectos sociais da cultura.

Logo, dispomos a investigar por meio da literatura comparada, os modos de articulação entre religião e patriarcado nas distopias *A Parábola do Semeador* (2018), de Octavia Butler e *O conto da Aia* (2017), de Margaret Atwood. Na primeira, há uma possível hipótese do fim do mundo com crises, econômica, ambiental e social, e a busca pela sobrevivência é atravessada

pela relação da personagem com a religião e conceitos próprios sobre Deus, enquanto entidade de Mudança. Na segunda, percebe-se um caráter feminista descrevendo uma possível junção entre Estado e Igreja, fundamentados em dogmas cristãos com imposição de ordem num contexto de sociedade patriarcal, que fere, principalmente, a liberdade das mulheres.

O desejo de desenvolver esta pesquisa surgiu do incômodo com a ausência de pesquisas relacionadas com essa perspectiva nessas obras literárias distópicas e com um reconhecimento tardia das autoras que produzem essa literatura, principalmente no Brasil. Pensando na ficção científica e na distopia de autoria feminina como dois tipos de produção que tendem a ser pouco conhecidos na academia como um todo, este trabalho se propõe a ajudar a trazer essa importante discussão para o meio acadêmico, sendo este um espaço fértil para a partilha de conhecimentos. Também se deu pelo interesse de investigar a temática da religião presente nas obras, e de trazer os estudos da Literatura Comparada, como aporte metodológico para melhor entender as distopias e buscar novas formas de entender os textos.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e de um trabalho comparativo ao compreender a Literatura Comparada como um instrumento de análise as obras da escritora canadense Margaret Atwood e a norte-americana Octavia Butler, fazem parte do *corpus* desta pesquisa e instigam a discussão das inter-relações da religiosidade sobre as personagens femininas em seus romances distópicos *O conto da Aia* (2017) e *A parábola do Semeador* (2018) a serem comparados, visto que estão imersos em culturas e contextos sociais diferentes.

No primeiro capítulo, inicialmente serão apresentados conceitos sobre relações entre gênero, religião e cultura, ajudando o leitor a compreender esses aspectos relevantes para a análise das obras, em seguida, há dois subtópicos importantes em que serão apresentados aspectos das autoras bem como suas produções literárias.

No segundo capítulo, serão explorados conceitos do romance distópico e da ficção científica na literatura, mostrando especialmente exemplos do século XX, bem como as aclamadas obras *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, *1984* (1945), de George Orwell, e, especialmente, as distopias produzidas por mulheres como *When it changed* (1972), de Joanna Russ, e o romance *He, she and it* (1991), de Marge Piercy.

O terceiro e último capítulo será dedicado inteiramente à análise das obras. Este ainda se divide em três subtópicos principais: de início, será apresentada a protagonista Offred, de *O conto da Aia*; em seguida, a protagonista Lauren Olamina, de *A parábola do Semeador*; e, posteriormente, terá o momento da comparação entre as duas personagens femininas das narrativas distópicas, e, por fim, as considerações finais.

## 2 GÊNERO, RELIGIOSIDADE E CULTURA

O desenvolvimento das sociedades é um fator que pode ser compreendido principalmente através da análise comportamental dos indivíduos em seus diversos contextos, desde as comunidades simples até as mais complexas. Nesse sentido, é oportuno investigar como se constituem os “papéis sociais”<sup>1</sup> e as relações de poder que configuram os indivíduos, uma vez que se identifica, no interior das tradições religiosas da sociedade ocidental, a existência de uma forte desigualdade de gênero. Assim, destacamos que não se trata de discutir sobre a religião em si, mas sobre o quanto esta ecoa nas formas de ser homem e ser mulher, perpassando em diferentes aspectos históricos e concretizando-se no modo de ser e viver, especificamente para a figura feminina.

Desde a antiguidade, como é o caso da Grécia Antiga, observa-se que o corpo social era liderado pelo homem, o qual se engajou em meio às atividades dentro da esfera pública, servindo ao estado através de cargos políticos e militares, na medida em que recebia letramento e praticava esportes. No âmbito familiar, como observa Muraro (2014), o homem detinha o poder de ordenar e de fazer obedecer de maneira que a autoridade do pai passava para o marido ou para o filho mais velho, caso a mulher não se casasse.

Em contrapartida, a mulher vivia à sombra do homem, desempenhando o dever de filha, servindo primeiramente ao pai; de esposa, em função do marido; e, mais tarde, de mãe, ao cuidar dos progenitores. As mulheres, nessa cultura, atuavam na esfera privada da sociedade, restrita a atuação dentro do lar, e serviam ao estado por meio da reprodução humana, que lhes assegurava a descendência e perpetuava a linhagem masculina, com o intuito de criar soldados.

No Império Romano, essas configurações diferem um pouco. Com as guerras que aconteciam frequentemente, os homens passavam grande parte de seu tempo fora de casa, e algumas vezes morriam no campo de batalha. Com isso, a mulher podia herdar fortunas e possuir o poder econômico nas próprias mãos. Por outro lado, havia uma grande miséria em Roma que afetava principalmente as classes mais pobres, e o casamento e a procriação sofreram uma diminuição significativa configurando em uma instabilidade social. Da excelência à decadência, a família no Império não era mais o foco das atividades econômicas e políticas, pois não se tinha mais a necessidade de obedecer a uma estrutura familiar fixa, que refletiu no

---

<sup>1</sup> Ao utilizar esse termo, estamos nos referindo à ideia de Raewyn Connell (2016, p. 195-205) de que aos “papéis” sociais, sexuais ou de gênero, pressupõem-se padrões concretos a respeito dos gêneros e que, de acordo com a autora, precisam ser reformulados. Ao contrário disso, há diversas masculinidades e feminilidades em cada sociedade e que estas não obedecem e não se configuram somente a algo propriamente determinado.

controle da família e da sociedade sobre seus membros, e foi nesse contexto que o cristianismo se difundiu na sociedade romana.

Inicialmente, o cristianismo era fundamentado na libertação de escravos e dos cidadãos oprimidos durante o Império. Todavia, de forma contraditória, essa religião foi imposta, quando passa a perseguir outras religiões, entendendo Deus como o centro de tudo e todos, e passou a acolher os sofrendores e condenar ao inferno aqueles que se aproveitassem dos bens da Terra, inclusive, pouco a pouco, as mulheres de famílias ricas também foram atraídas pela nova religião.

Esse poder, ainda segundo a teórica feminista, passou a ter significado através do que era interpretado pelo texto sagrado no que diz respeito ao mito judaico-cristão, situado nos primeiros capítulos de *Gênesis* na Bíblia, em que primeiro Deus criou o homem (Adão) e depois, de sua costela, tirou a primeira mulher (Eva), sendo ela a culpada por ir contra a vontade de Deus, ao ter experimentado do fruto proibido, fazendo com que ambos fossem expulsos do Paraíso e afastados da natureza, dominando-a para a própria sobrevivência.

Esse mito abraâmico impulsionou o culto mariano, costume de cultuar a Virgem Maria (figura da jovem virgem e santa) como redentora de Eva (sedutora e pecadora), de forma a elevar a figura da mulher virgem como um ideal a ser seguido pelas mulheres na sociedade e para agir em remissão de seus próprios pecados. Esse culto simbólico se tornou cada vez mais presente, porém, quanto mais era exaltada, mais a mulher estava longe do idealizado. Com isso, a prática do celibato era como uma maneira de resistir aos desejos mundanos, bem como o prazer sexual, e, dessa forma, estar mais próximo à Deus, a exemplo dos padres. Esse sistema via o celibato como superior ao casamento, assim a mulher virgem era admirada tornando-se modelo para as outras mulheres.

Não obstante a essa conjuntura, na Idade Medieval tinha-se a ascensão da Igreja Católica, enquanto instituição de maior poderio social. Contudo, diversas interpretações da doutrina cristã e de outras religiões não cristãs se faziam presentes na sociedade e muitos costumes dessa época estavam atrelados a ideia de desprezar a vida terrena para se beneficiar da vida nos céus. Dessa forma, a própria organização da sociedade medieval era dividida em: o clero, concomitante com a Igreja Católica; a nobreza, composta pelos senhores feudais que eram donos de riquezas; e os servos, com a classe dos camponeses.

Nesse período, a figura masculina era predominantemente a figura central na sociedade, tendo em vista que a participação ativa era majoritariamente masculina, formada principalmente pelo clero, não só pelo fato de estar apto para ser autoridade clerical, mas, também, por protagonizar até mesmo os personagens bíblicos. A mulher, ao contrário do homem, agia de

forma mais restrita dentro da sociedade, foi designada ao trabalho no ambiente doméstico cuidando da organização e administração do lar e da família. Além disso, caso não cumprisse com essas tarefas, era malvista e até mesmo desamparada e punida pela coletividade. A Igreja, então, foi comandada pelas autoridades eclesásticas que influenciavam diretamente diversos setores sociais e impunham que os paradigmas cristãos deveriam ser seguidos e respeitados.

O condenado a agir contrário a esses paradigmas era responsabilizado de ter crise de fé, e, então, era entregue às autoridades para que fosse punido. Esse momento ficou conhecido como a Inquisição Romana, que perdurou na história dos anos 1542 a 1965. Salienta-se, no entanto, as mulheres que foram, em maior número, as que se opuseram aos dogmas do clero, além de terem sido acusadas de praticar “bruxaria”, foram levadas a grandes torturas em público, a servir de lição para aqueles que não agissem de acordo com os padrões religiosos.

No *Dicionário da Crítica Feminista*, Macedo e Amaral (2005, p. 10), dissertam sobre esse termo que se refere a figura feminina da seguinte forma:

Do ponto de vista sociológico, para os povos europeus, a bruxaria é um termo que faz parte da tradição cristã e designa uma arte diabólica, sobretudo feminina, que requer a interferência de espíritos sobrenaturais no sentido de provocar a ocorrência de determinados fatos.

Elenca-se que este é, sobretudo, um elemento histórico marcado pelo conservadorismo cristão que defendia a manutenção dos costumes tradicionais religiosos, censurava, oprimia e torturava as mulheres. Além do mais, como pontuam as autoras:

[...] A partir do momento em que se formalizou a crença, desenvolveram-se as perseguições e os castigos, e a bruxa tornou-se, definitivamente, um símbolo de desrespeito pela ordem estabelecida e de rejeição dos valores morais da comunidade cristã. Daí a intolerância com que foram perseguidas mulheres acusadas de bruxaria, não só na Idade Média, mas, sobretudo, nos séculos XVI e XVII. (MACEDO & AMARAL, 2005, p. 11-12)

A utilização de plantas e outros recursos da natureza era uma prática amplamente feminina para auxiliar no tratamento de doenças. Porém, essas acusações não eram feitas por acaso, essas mulheres conheciam as propriedades curativas das plantas por estarem próximas às zonas rurais onde residiam. Tal costume não foi interpretado positivamente pelo clero, por se enquadrar como uma atividade feminina fora do ambiente doméstico, destoando do que se esperava de uma mulher. Em razão disso, eram incriminadas por agir de forma contrária aos paradigmas, assim como observa Perrot (2007, p. 89) “[...] em primeiro lugar, elas ofendem a

razão e a medicina moderna, por suas práticas mágicas. Têm a pretensão de curar os corpos, não somente com ervas, mas com elixires elaborados por elas e com fórmulas esotéricas”.

Nesse modelo social, o domínio da igreja era, por sua vez, tão sólido que manipulava as crenças populares para ganhar ainda mais força e estigmatizar a figura feminina. Sendo assim, elas eram inferiorizadas e vinculadas aos conceitos de cultos pagãos demoníacos, através de práticas mágicas, perante o olhar do clero, e privadas do próprio direito e acesso ao saber, tendo em vista que o conhecimento do sagrado, bem como, o domínio do latim era restrito apenas aos sacerdotes, classe devidamente ocupada por homens. Entretanto, o espaço que a mulher tinha diante dessa instituição era a prece para se redimir dos seus pecados e prestigiar a Virgem Maria como símbolo da santidade medieval para que suas orações agissem como um antídoto para Eva, que cometeu pecado.

Além disso, ao se basear na leitura dos textos do apóstolo Paulo, conforme aponta Araújo (2013), muitos cristãos acreditavam que Deus, através daquele, estabeleceu que as mulheres não serviriam em lugares de autoridade e ensino espiritual acima dos homens. Essas concepções atribuídas à mulher, de certo modo, as impediam de servir nas igrejas e ocupar cargos de liderança, incluindo pregar e repassar as pessoas sobre os ensinamentos sagrados. Como resultado, esse raciocínio nos leva a concluir que Deus deu apenas aos homens a autoridade primária de ocupar o sacerdócio e essa interpretação amplia as lideranças masculinas em todo o mundo ao longo da história.

Progredindo na linha temporal, no período Renascentista Europeu, verifica-se uma ruptura das tradições medievais no contexto social, acentuado pela ideia de pensar mais racional e o renascer de um novo homem, buscando mudanças no âmbito artístico, científico e cultural, trazendo com a filosofia, política, economia, novas formas de pensar. A base social era alicerçada em torno do homem, com o poder de atuar livremente na sociedade, enquanto a condição da mulher ainda era de subserviente em seu restrito ambiente doméstico de atuação. Porém, posteriormente a esse período, a jovem mulher camponesa da renascença, buscava, de antemão, alcançar sua autonomia começando a se engajar em atividades na política, e buscando, principalmente, a escrita como um refúgio.

Na contemporaneidade, em geral, a maioria da riqueza corporativa ainda está nas mãos dos homens, bem como a ciência, a tecnologia, e em muitos países, as mulheres ainda têm menos acesso à educação. Mas, percebe-se que, mesmo vagarosamente, essas configurações sociais passaram por mudanças significativas e ainda estão em processo de transformação, porém, longe de serem dizimadas.

A vista disso, destaca-se o Feminismo que se dispôs, por volta do século XIX, de maneira ampla, a perceber essas desigualdades. Esse movimento rege um conjunto de ideologias que atuam com o propósito de lutar pelo direito de equidade entre os indivíduos e empoderamento feminino, libertando-se do patriarcado. E não somente o movimento por si próprio, mas também a Crítica Literária Feminista, ao se debruçar dentro dos princípios feministas no âmbito literário. Em função dessas críticas, estudos e das próprias tensões, surge o gênero como categoria de análise, convergindo com tendências historiográficas culturais, e oferecem novas investigações científicas para a construção do conhecimento acadêmico.

Como uma nova categoria, o gênero dialoga com aspectos culturais já existentes e dá legitimidade acadêmica em face da insuficiência dos corpos teóricos de explicar a desigualdade entre homens e mulheres ao longo da história. Nesse sentido, podemos verificar a definição do termo “patriarcado”, no *Dicionário da Crítica Feminista*:

Patriarcado é o termo que descreve um sistema de organização social, formado a partir de células familiares estruturadas de tal forma que as tarefas, as funções e as noções de identidade de cada um dos sexos estão definidas de uma forma distinta e oposta, sendo estabelecido que as posições de poder, privilégio e autoridade pertencem aos elementos masculinos quer ao nível familiar, que ao nível mais lato da sociedade no seu todo. (MACEDO e AMARAL, 2005, p. 145)

Logo, é possível notar, com um olhar crítico, que tal sistema permeia as relações humanas desde antes da sociedade ocidental, tendo em vista que, principalmente, as tradições religiosas dessa conjuntura social, reforçam a desigualdade e a hierarquia entre os gêneros masculino e feminino. Não era permitido que a mulher ocupasse cargos de liderança nem ao menos dentro da tradição cristã, e tinha principalmente funções restritas ao espaço privado do lar, enquanto o homem tinha a liberdade de atuar no espaço público. Eles detinham o poder e o saber, deixando escapatórias para as mulheres “pecadoras”, a prece e a santidade, caindo sobre elas a responsabilidade de seguir cegamente os ensinamentos bíblicos como um antídoto de Eva.

Como observa Lemos (2013, p. 202), essa é uma organização social hierárquica, regida por dois princípios básicos, o primeiro deles é “a mulher subordinada ao homem”, e o segundo, os homens “jovens subordinados aos homens mais velhos”. Ele reforça o patriarca como o dono das riquezas, dos escravos, e o maior membro autoritário dentro da família, englobando essa influência masculina na atuação da igreja e das demais esferas econômicas. Tal reflexo, no entanto, mostrou que algumas tradições religiosas são também estruturantes e concomitantes



com a predominância masculina na sociedade, e essa desigualdade nesses espaços englobam as noções distintas de homem e mulher no âmbito do convívio social.

Essas relações, conforme aponta Rocha (2009), estão relacionadas à ideia de o homem ser a figura central, como também o fato de a mulher ser considerada como um ser frágil e de segundo plano. Assim, isso se configura como se o homem tivesse posse da mulher, tal como no regime em que o patriarca exerce autoridade sobre suas propriedades, que de certo modo, implicam em relações de poder, um sobre o outro.

Assim como outras estruturas sociais, o gênero possui várias dimensões, não diz respeito somente a sexualidade, nem a como o indivíduo atua na sociedade, mas engloba muitos outros aspectos. Os conceitos do masculino e feminino são dados a partir da relação entre os indivíduos, tais manifestações cotidianas que possuem significados diferentes devido a distribuição de tarefas entre a sociedade, fazendo delimitações sociais, sendo possível enxergar alguns padrões que, de acordo com Connell e Pearse (2015, p. 49):

[...] podem ser radicalmente diferentes entre contextos culturais distintos, e há certamente uma variedade entre as maneiras de pensá-los, mas ainda é possível pensar (e agir) entre culturas de relação de gênero. O poder das estruturas na formação de ação individual faz com que o gênero quase sempre pareça não se transformar.

Logo, como outras estruturas sociais, o gênero possui numerosas dimensões que se englobam ao mesmo tempo. Esses arranjos estão presentes em qualquer comunidade humana, e se reproduzem transformando suas ações. Esses aspectos acarretam em mudanças no próprio sujeito, e no poder de transformar outros sujeitos e, com isso, algumas ações são vistas de maneira naturalizada e despercebidas, podendo, conforme as vivências humanas, serem desenvolvidas novas estruturas e concepções a respeito.

Na definição proposta por Scott (1995, p. 86), “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos... o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Nesse sentido, não existe uma determinação natural de comportamentos, pois o estudo de gênero considera amplos fatores sociais, além daqueles ligados às identidades, são elaborados no processo de construção e reconstrução social. Ao contrário de alguns pensamentos ingênuos acerca do gênero, a teoria estuda principalmente as relações entre masculino e feminino enraizados na sociedade, e que são duas pautas que caminham juntas dentro desses estudos de gênero.

Dessa maneira, no interior dos próprios centros religiosos, é possível identificar uma certa distinção de gêneros de modo que um é mais presente e tem poder sobre o outro, ou seja,

os homens desde sempre estiveram em uma posição maior em relação às mulheres, sendo que tinham mais oportunidades de emprego e, além disso, o privilégio de serem alfabetizados, ao contrário das mulheres.

Contudo, não se trata apenas de fronteiras, mas também de desigualdades. A maioria das igrejas e mesquitas é gerida exclusivamente por homens, o que é parte de um padrão mais amplo. A maioria da riqueza corporativa também está nas mãos dos homens. Em muitos países, incluindo alguns com populações muito densas, as mulheres têm menos chances que os homens de aprenderem a ler e a escrever [...]. (CONNELL e PEARSE, 2015. p. 41)

Além de ocupar os mais diversos cargos, os homens ocupam altas patentes religiosas e através de suas próprias interpretações dos textos bíblicos, não deixam espaço para que a mulher interaja ativamente nas demais esferas sociais, então, constroem pilares que assentam a relação desigual entre os sexos e perpetua, por meio da fé, a ideia de submissão e opressão feminina marcada pelos valores patriarcais. Com isso, as relações de gênero, nestes espaços, adquirem características mais acentuadas, se comparadas com a sociedade de um modo geral, precisamente por se tratar de instituições religiosas que afirmam sua identidade na tradição. Nesse sentido, a religiosidade constrói a mulher em termos de sua submissão à dominação de gênero.

Esse elemento é visto como um forte problema relacionado ao entendimento de gênero à medida em que o masculino é visto como o sujeito da sexualidade e o feminino como objeto da sexualidade. O primeiro, na sociedade moderna, ocupa cargos que exigem força bruta, por serem pré-determinados como sujeitos violentos pela sociedade, com serviços que até são mais assalariados e mais valorizados. Ao contrário disso, as mulheres, mesmo sendo grande parte da população economicamente ativa, exercem os empregos mais desvalorizados, que estão inteiramente ligados a profissões que exigem o cuidado para com o outro, remetendo às suas práticas restritas de mãe no seu ambiente que desde sempre, foi o doméstico.

Portanto, percebemos como essas relações entre gênero, religiosidade e cultura são estreitas e que fazem parte de uma longa tradição. Identificar as relações de poder que são culturalmente e socialmente construídas pela história, tornou-se pano de fundo para refletir como os indivíduos se comportam em seus contextos. Logo, além da possibilidade de investigar esses aspectos, tomando como base os estudos de gênero, também podem ser estudados por meio da Literatura Comparada que, conforme aponta Coutinho (2006), surgirá no signo da transversalidade, não somente por transpor fronteiras entre nações e idiomas que serviam de base para o estudo das literaturas nacionais, mas, também, pela interdisciplinaridade entre áreas

do conhecimento, desde a comparação entre produções literárias às demais manifestações artísticas, que vem se ampliando e repercutindo nos últimos anos. Desse modo, traremos na sequência, a discussão sobre as autoras das obras em análise e alguns aspectos sobre suas produções literárias.

## 2.1 MARGARET ATWOOD E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA

De acordo com Howells (2006), Margaret Eleanor Atwood nasceu em 18 de novembro de 1939, em Ottawa, Canadá, residindo boa parte de sua vida na cidade de Quebec, onde descobriu desde cedo a paixão pela escrita. Atwood possui um lugar significativo no cenário canadense, por ter sido reconhecida pela crítica e pelo público, como uma das maiores escritoras da Língua Inglesa da contemporaneidade graças aos seus trabalhos, tendo escrito uma vasta bibliografia, que compreende em contos, poesias, ensaios e romances.

Margaret Atwood iniciou sua carreira de escritora trabalhando no *Victoria College*, um jornal literário da Universidade de Toronto, escrevendo e publicando alguns de seus poemas e artigos, e em 1961 publicou seu primeiro livro de poemas intitulado de *Double Persephone*. Posteriormente, a autora passou a escrever seus primeiros romances, destacando-se em sucessão: *Surfacing* (1972), *The Lady Oracle* (1976) e *The Edible Woman* (1979). Estes, conforme aponta Howells (2006), foram compreendidos de diferentes pontos de vista, pois de um lado, os Estados Unidos classificaram-nas como obras feministas, por outro lado, no Canadá, havia uma percepção voltada para o nacionalismo.

De maneira ampla, essas três obras abordam a condição social da mulher, especialmente a de classe média norte-americana e europeia, e o que está relacionado a seus deveres dentro da sociedade, do matrimônio, e além disso, às exigências dos padrões estéticos da época em relação ao corpo feminino. Tais problemáticas dizem respeito à figura feminina ter direito ao próprio espaço na sociedade e estar dentro do mercado de trabalho, assim como os homens.

Em *Life Before Man* (1979), no Brasil: *A vida antes do homem* (2005), não é diferente. Na obra, o casal protagonista Nathan e Elizabeth, luta para preservar o casamento, porém, cada personagem lida de maneira diferente com a rotina sufocante da relação. Essa narrativa é marcada pela desconstrução da identidade feminina, dado que no casamento, os parceiros possuem opiniões e objetivos diferentes, e que nesse quesito as mulheres sofrem com frustrações em comum. Esta, todavia, é uma característica da literatura feita por mulheres, como afirmam Colling e Tedeschi (2019, p. 213):

A escrita feminina é fortemente marcada pelas relações, condições e trocas sociais, culturais, econômicas, intelectuais, linguísticas e geopolíticas que são estabelecidas entre os indivíduos, as comunidades e os povos desse mesmo país. Ela evidencia, portanto, as relações de gênero e as de poder e, assim, a sua característica como espécie de “impressão digital” sobre os movimentos de seu tempo.

Nesse sentido, observa-se que, durante a trajetória de Atwood que, a partir de 1980, além de abordar temáticas referentes principalmente a condição da mulher na sociedade, as obras de Atwood debruçam-se sobre o gênero de ficção científica, com ênfase na distopia, como se pode perceber em *The handmaid's tale* (1985), traduzido como *O conto da aia* (2017) pela editora Rocco, a que mais dedicou às traduções de suas obras no Brasil. Esta obra é, portanto, um dos objetos de estudo deste trabalho, que de antemão, levanta questões pertinentes relacionadas à luta das mulheres, tendo em vista que o romance foi escrito, ao que muitos autores consideram como período da segunda onda do Feminismo, este que é contrário a opressão, submissão e as relações de poder pelas quais submetem ao corpo feminino.

*O conto da aia* (2017) se passa na República Gilead, que outrora foram os Estados Unidos, e traz em sua essência um viés contemporâneo ao criticar a união de igreja e Estado que tornou a sociedade em um regime totalitário, formado pela classe dominante de militares fundamentalistas cristãos, que tinham como base os valores do Puritanismo do século XII, um movimento religioso e influente, que enfatizava a pureza do indivíduo, da igreja, e valorizava, acima de tudo, passagens bíblicas.

O romance é repleto de *flashbacks* da personagem protagonista que narra a história chamada de Offred, uma Aia – uma *handmaid* – que foi presa repentinamente quando ainda morava nos Estados Unidos, forçada a viver longe de sua família nessa comunidade, onde o nível social feminino de maior *status* é se casar, sendo as esposas, as mulheres mais privilegiadas por serem, perante o ponto de vista social, pessoas puras.

A narrativa é gradativamente marcada pela doutrinação das Aias, que são mulheres férteis cuja função social é unicamente procriar, e, ao mesmo tempo, são levantadas questões de gênero ao passo em que as mulheres, nesta obra, sofrem na condição de submissão aos homens diante do desejo maior da reprodução humana, conforme o recorte da palavra escrita na Bíblia. Trata-se, portanto, de uma obra que alcançou ainda mais popularidade em 2017, quando foi feita uma adaptação cinematográfica do texto para uma série de televisão que, conseqüentemente, tornou a escritora proeminente além das fronteiras.

Em sequência de suas produções, na obra *The Blind Assassin* (2000), traduzida no Brasil como *O assassino cego* (2001), também é abordada a condição de submissão da mulher, na situação de um casamento em que os companheiros nem sempre as amam, ao contrário daquilo que idealizaram. Em *The Penelopiad* (2005), no Brasil: *A odisséia de Penélope* (2005), a autora traz uma releitura de *A Odisséia*, de Homero, e trata de uma outra versão da história contada por Penélope e suas escravas que também foram assassinadas. Nessa mesma década ainda são destacadas as obras *Oryx and Crake* (2003) e *The Year of the Flood* (2009), em português brasileiro: *Oryx e Crake* (2018) e *O ano do dilúvio* (2018), sendo essa a mais recente publicação, que trata de um viés feminista presente em um período catastrófico, enquanto naquela são evidenciados temas como loucura e isolamento feminino.

De fato, pode-se dizer que desde os anos 1970, Margaret Atwood discute, em suas obras, as imposições de determinadas sociedades sobre “papéis sociais”, com ênfase na função social das mulheres e sua educação sentimental e que quase sempre estão diante de sistemas totalitaristas, até mesmo fundamentados pelo patriarcado. Os temas citados incluem, sobretudo, problematizações acerca da falta de acesso das mulheres aos poderes político e econômico, e ao mesmo tempo, marcam diferenças significativas na literatura, principalmente em seus romances distópicos, que podem ser considerados frutos da tensão que transmitem reflexões cotidianas ao leitor.

## 2.2 OCTAVIA BUTLER E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA

Nascida em 1947, na Califórnia, Octavia Estelle Butler<sup>2</sup> viveu em pleno período de segregação racial nos Estados Unidos, enfrentando os desafios de ser uma menina negra e de família pobre, nesse cenário. Butler sofria como o problema da dislexia na infância, caracterizado como um distúrbio que dificulta o processo de aprendizagem e da leitura, porém, esse obstáculo não a impediu de desenvolver o amor pelos livros e, desde então, encontrou na literatura um refúgio e uma maneira de se manter “entretida”, pelo fato de ser filha única e se sentir sozinha, começou a criar suas próprias histórias, como aponta a própria autora, ao final de sua obra *A parábola do Semeador* (2017).

---

<sup>2</sup> Na tentativa de levar a história da autora ao leitor neste trabalho foram encontradas inúmeras dificuldades durante o processo pela falta de trabalhos acadêmicos que exploram profundamente a vida e a contribuição literária de Octavia E. Butler. Portanto, a fonte de onde foram retiradas as informações destacadas foi do texto de Camile Borba (2020), da Revista Continente. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/239/a-obra-singular-de-octavia-estelle-butler>>, Acessado em: 04/07/2021.

Octavia Butler iniciou sua carreira literária em 1970 com uma sequência de narrativas, que de maneira ampla, apresentam uma divisão da sociedade em que o mundo é dominado por telepatas, intitulado *Pattern Master* (1976), o primeiro livro da série *Patternist*, composta por outros títulos como *Mind of my mind* (1977), *Survivor* (1978), *Wild Seed* (1980) e *Clay's Ark* (1984) que, até onde se sabe, não foram traduzidas para o português brasileiro.

Diferente das obras citadas, o romance *Kindred* (1979), embora tenha demorado quase quarenta anos como a maioria de suas obras, foi traduzido em 2017 pela editora Morro Branco, e no Brasil intitulado de *Kindred: laços de sangue*. A história é narrada pela personagem Dana, uma mulher negra que foi teletransportada para o passado, mais precisamente para o Sul escravista no século XIX, com a missão de salvar sua própria vida no futuro, resgatando um de seus antepassados, um menino branco. Esta obra, além de abordar viagem no tempo, também retrata a escravidão na perspectiva feminina, e entra em confronto com o preconceito de gênero e o racismo.

A editora Morro Branco também traduziu a trilogia originalmente chamada de *Xenogenesis* e posteriormente renomeada de *Lilith's Brood*, composta pelos livros: *Dawn* (1987), *Adulthood Rites* (1988) e *Imago* (1989), publicadas no Brasil como: *Despertar* (2018), *Ritos de passagem* (2019) e *Imago* (2021). Neles, de maneira geral, as protagonistas são femininas, e são explorados temas referentes às questões de raça e genética em um universo que, para garantir a sobrevivência, os humanos se reproduzem com alienígenas.

Conforme é apontado por Vieira (2020), em *Despertar* (2018), Lilith é uma sobrevivente de uma guerra nuclear que destruiu a Terra e foi capturada pelos alienígenas Oankali, que pegam o material genético humano para preservar sua própria espécie. *Ritos de Passagem* (2019), por sua vez, é uma espécie de continuação do primeiro livro, com o foco no filho de Lilith, e seu conflito de viver num mundo de hibridização humana e alienígena, e por fim, no terceiro livro *Imago* (2021), é narrado na perspectiva de Jodahs, um novo híbrido que descobre toda sua potência genética funcionando como o ápice da integração humana iniciada pelas narrativas anteriores.

Em seguimento, destaca-se a série *Sementes da terra*, que também faz parte da bibliografia de Butler, e nesta ordem, as histórias retratam que é preciso ter fé mesmo estando diante de um universo catastrófico, com lições ensinadas pela própria protagonista de que a mudança é a verdade perene, composta por *Parable of the Sower* (1993) e *Parable of the Talents* (1998) nas traduções brasileiras: *A parábola do Semeador* (2018), e *A parábola dos Talentos* (2019).

Apesar de fazer parte de uma série com dois livros, *A Parábola do Semeador* (2018) é um dos objetos de análise do presente trabalho. Este romance é o primeiro livro de *Sementes da Terra*, cuja narrativa se passa em uma futura Los Angeles e é composta pelos relatos diários da protagonista Lauren Oya Olamina, uma garota negra, com inicialmente quinze anos de idade, que descreve sua vida pautada na necessidade de se adaptar e sobreviver ao contexto apocalíptico, retratado por uma sociedade violenta que enfrenta a escassez de recursos naturais para a sobrevivência humana, e é resultante de uma crise ambiental e econômica nos Estados Unidos. Além do mais, o romance é dividido em quatro partes de forma que inicia em 2024 e acaba em 2027, e com isso, imprime o crescimento pessoal da personagem passando pelas fases de sua adolescência.

Nesse cenário distópico, Lauren sofre de uma condição crônica de síndrome da “hiperempatia”, conforme é exposto na obra, que a permite a ilusão de sentir os prazeres e sofrer as dores das pessoas que atravessam seu caminho nesse lugar onde a busca pela sobrevivência entre os bairros murados é através de sua relação da personagem com seus próprios conceitos sobre Deus, enquanto entidade de mudança.

Butler revela, nesta obra, uma protagonista que acredita na mudança, pois em meio ao contexto caótico na humanidade, a mudança modifica o indivíduo e este é modificado pelo contexto no qual está inserido, e da mesma forma, pode modificar esse contexto. Ao seguir essa lógica, nem toda mudança o afeta, mas é possível aprender com as mudanças que lhe são impostas. Desse modo, ao longo da história são construídas críticas ferrenhas à maneira de como funciona uma sociedade estritamente capitalista e neoliberal, que visa os interesses próprios acima do bem comum, além de demonstrar a importância de um pensamento crítico e de analisar as relações humanas, tanto individual, quanto coletivamente, mas de maneira que, em meio a esses processos, a fé também pode ser moldada.

Em sequência de suas produções literárias, no ano de 2005, a autora publicou sua última obra intitulada *Fledgling*, ainda não traduzida no Brasil. Nessa narrativa, de acordo com Silva (2012), a personagem Shori, uma menina negra e vampira, acorda em uma caverna com seu corpo repleto de queimaduras e sem qualquer memória. Quando ela deixa a caverna e entra em contato com uma sociedade onde humanos e vampiros habitam o mesmo lugar, aos poucos ela vai aprendendo sobre sua própria identidade.

No ano seguinte à sua última publicação, Butler morreu aos 58 anos, em Seattle, e desde então, o mundo literário perdeu uma de suas grandes contadoras de histórias. Ela, de fato, se destacou por ser uma das poucas autoras negras a escrever obras que unem o gênero da ficção científica com espiritualismo afro-americano. Butler foi, pela crítica, uma das autoras mais

aclamadas na literatura, e foi no caráter distópico que encontrou a liberdade que precisava para escrever. No entanto, é umas das escritoras que merece ter mais visibilidade e reconhecimento no âmbito acadêmico pela sua trajetória e contribuição literária com histórias que atravessam a realidade e a imaginação do leitor.

### 3 O ROMANCE DISTÓPICO NO SÉCULO XX

Em meados dos séculos XVIII e XX, com o surgimento da ciência e eventualmente da tecnologia, houve transformações drásticas ligadas às relações sociais, econômicas e culturais, na sociedade ocidental. A Revolução Industrial foi, por sua vez, um período que demarcou um forte desenvolvimento na Inglaterra e modificou principalmente os meios de produção. Nesse cenário, a literatura passou a ilustrar o domínio do homem com as máquinas e a incorporar ideias oriundas do pensamento científico e tecnológico como elementos de transformação da sociedade no futuro, permitindo o surgimento do gênero literário da ficção científica.

Muitos romances oitocentistas deram maior ênfase a esse gênero e, principalmente na virada do século XIX, um conjunto de textos que esboçaram narrativas que caracterizam uma espécie de tradição incrementou essa categoria com a maioria das obras de Júlio Verne e H.G Wells, porém, além desses e outros autores, também interessa enfatizar as obras de autoria feminina para situar gênero da ficção científica e suas vertentes. O romance *Frankenstein* (1818), da escritora Mary Shelley, por exemplo, apesar de apresentar uma atmosfera gótica, como aponta Pavani (2017), foi uma das obras pioneiras pertencentes a esse gênero, pois, além de trazer um enredo com aspirações científicas e com o entendimento da anatomia humana, da física e da química, ela utiliza a ciência ao mesmo tempo que a questiona, somando noções de moral e ética filosófica na narrativa.

No tocante a definição da Ficção Científica, doravante FC, Umberto Eco (1989) defende que a escrita desta narrativa dialoga com as ideias e hipóteses de quem a escreve, baseando-se na sua realidade, mas com a presença de elementos que não condizem com o que a coletividade entende por real, sendo capaz de explorar as leis da física, as relações sociais e, inclusive, questões políticas. Essa demarcação, a qual o autor se refere por real, pode ser configurada de acordo com o contexto histórico em que a narrativa é construída. Nesse âmbito, além de Mary Shelley; em *Viagem ao centro da Terra* (1864), Júlio Verne esboça uma grande aventura dos personagens durante a descida até o centro da Terra e no percurso até chegar ao destino, para



isso foram descritos inúmeros aspectos científicos nos quais ainda não tinham sido explorados na época, dentre eles se destacava, como aponta Rodrigues (2017), o que conhecemos hoje por Geologia, a ciência que estuda a crosta terrestre e a Paleontologia, que se dedica a estudar as formas de vidas ao longo da história da Terra, através dos fósseis.

O escritor e filósofo italiano ainda apresenta que existem algumas vertentes relacionadas à FC, sendo necessário identificá-las: a *alotopia*, que utiliza recursos textuais para convencer o leitor de que o universo fictício da narrativa é mais real do que a própria realidade; a *utopia*, que trata de uma projeção futura de como o mundo deveria ser; a *ucronia*, que também expõe uma projeção, mas cria uma realidade alternativa imaginando se o que aconteceu não tivesse acontecido, e por último, a *metatopia* e *metacronia*, que tratam também de projeções futuras, mas não apresentam um forte distanciamento temporal quanto as outras citadas. Logo, na análise do presente trabalho, serão usados com maior ênfase a derivação da vertente utópica, intitulada de distopia. Contudo, de início, importa destacar o conceito de utopia para que em seguida, seja explorada a distopia.

Visto que o avanço tecnocientífico rodeava a civilização, especulava-se como a sociedade se tornaria futuramente caso houvesse mais desenvolvimentos significativos. É com essa tendência de pensar positivamente no lugar em como a sociedade se tornaria que nasce o gênero literário utópico em 1516, quando Thomas More, mesmo que sem intenção, cunhou o termo que intitula sua própria obra *A utopia*, na qual ironiza e critica a Inglaterra de seu tempo, apresentando um sistema de governo demonstrando como seria perfeita e justa uma sociedade sem intolerância religiosa, tendo a razão como um critério primordial para estabelecer condutas sociais, e não o autoritarismo religioso.

Dessa forma, etimologicamente falando, a *utopia* é uma palavra advinda da língua grega e significa uma espécie de “não lugar” ou “lugar nenhum”, em outros termos significa dizer que ela faz uma espécie de paralelo com o que é real mostrando um lugar melhor do que o que já existe. Apesar de More (1516) ter criado esse termo e de sua obra ter sido reconhecida até os dias atuais como uma das precursoras desse gênero, cabe-nos destacar a importante tomada desse sentido de esperança que ela proporciona imaginar quando o termo ainda não havia sido disseminado, apesar desse sentimento e sensação já atravessasse a sociedade da época.

Posteriormente, em 1915, a narrativa de Charlotte Perkins Gilman na utopia *Terra das mulheres*, trazia a ideia de como seria uma nação formada unicamente por mulheres com suas próprias concepções de educação, família, religião, sem nenhuma dependência da figura masculina. Como o romance é narrado no ponto de vista masculino, os três homens que se arriscam a visitar a terra das mulheres fazem inúmeras especulações do que iriam encontrar

quando chegasse, as principais ideias que eles tinham era que lá encontrariam velhas horrendas, bruxas e esperavam que elas fossem pessoas que não tivessem evoluído. Porém, ao chegar ao destino, quando começam a ver de perto, eles percebem que eles tinham ideais totalmente errôneos da civilização feminina.

Portanto, consoante Hilário (2013, p. 204), “A utopia é, ao mesmo tempo, um gênero literário que consiste na narrativa sobre a sociedade perfeita e feliz e um discurso político que procura expor a cidade justa”. Apresentam uma imaginação otimista da sociedade, ao mesmo tempo em que criticam o modo de como a sociedade real funciona, geralmente projetando uma sociedade justa, igualitária e pacífica, desenvolvida a partir do esforço coletivo humano, no futuro.

Em contrapartida ao discurso utópico de cunho esperançoso e otimista, observa-se mudanças expressivas principalmente no período das Primeira e Segunda Guerra Mundial, em que houve um derramamento de sangue devido aos ataques com a tecnologia armamentista, precedia a percepção de que o desenvolvimento tecnológico talvez não fosse tão bom quanto se pensava. Então, através das obras literárias, era possível ilustrar certo pessimismo e, ao mesmo tempo, refletir sobre a sociedade no presente, vendo como ela se tornaria catastrófica no futuro. Assim, em meados do século XX, surge sua derivação anti-utopia ou distopia, que, como o próprio sentido da palavra diz, as distopias seriam utopias avessas.

De acordo com Hilário (2013, p. 202), o romance distópico pode ser compreendido como um alerta no qual se chama atenção para que o perigo seja identificado e controlado no presente, para que não venha a se transformar em uma catástrofe no futuro. De maneira geral, as distopias apresentam narrativas em que a sociedade pode ser precária de sobrevivência humana, problematizam os possíveis danos que possam afetar a sociedade, e, com isso, enfatizam, geralmente, regimes totalitários onde há a vigilância absoluta dos indivíduos e a massificação cultural.

Em *A máquina do tempo* (1895), percussora das narrativas distópicas, H.G Wells mostra, consoante Lira (2019), um protagonista que viaja para o futuro através de uma máquina do tempo construída por ele mesmo, e ao chegar ao destino, ele se depara não com a almejada sociedade evoluída, mas com um cenário pós-apocalíptico que não era esperado, situado em um ambiente totalmente caótico com a profunda desigualdade social e a tirania de uma raça sobre outra.

No que se refere ao período novecentista, por sua vez, *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley demonstra, de acordo com Hilário (2013), um semblante crítico que visa alertar os indivíduos sobre o perigo que permeia a sociedade na época, discutindo como as

consequências da Grande Depressão afetam em cheio o ocidente e a decadência dos regimes democráticos. Na trama, a população é criada a partir da manipulação artificial e genética (fertilização *in vitro*) para atender as necessidades de cada grupo social daquele contexto. Dentre os personagens, o protagonista Bernard nasce com um defeito genético e ele, então, se sente injustiçado por ser diferente dos demais e acaba se rebelando contra o sistema.

Não obstante, em 1949, George Orwell apresenta em sua obra *1984*, uma sociedade onde o partido político controla todos os meios de informação e modificam os fatos, de forma que as pessoas são vigiadas pela grande ferramenta tecnológica *Big Brother*, traduzido como o Grande Irmão, nas edições brasileiras, e sofrem totalmente com a falta de recursos básicos para a sobrevivência. Além disso, o enredo é recoberto de estratégias avançadas de manipulação dos indivíduos para que eles esquecessem o passado e deixassem de ter um pensamento livre e crítico para que o governo pudesse dominar todos. Nesse cenário, o protagonista Winston Smith, que trabalha para o “Ministério da verdade”, é responsável por apagar as notícias antigas dos jornais a mando do partido político e, então, começa a se questionar sobre esse sistema opressor se voltando contra ele. Desse modo, ao analisar os exemplos citados para situar o gênero distópico, o pesquisador ainda discute sobre o fato de que a distopia:

[...] não se configura, deste modo, apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente. Ela busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à catástrofe e barbárie. (HILÁRIO, 2013, p. 206-207)

Esses aspectos, no entanto, denotam que, assim como a utopia, a distopia faz referência ao espaço e ao tempo em que o autor se insere, porém, é preciso distingui-las perante ao fato de que, enquanto aquela imagina um lugar mais igualitário e harmonioso, esta projeta a degradação da sociedade que está por vir, ultrapassando os limites do contexto histórico de suas produções. E, conforme aponta Silva Júnior (2019, p. 69), a respeito do que FC engloba, de um modo geral, “Essa relação com o contexto histórico e social faz com que os gêneros se tornem consideravelmente maleáveis, possibilitando o movimento constante das obras entre essas categorias com o passar do tempo”.

Dentro do campo da FC, a utopia e a distopia não precisam, necessariamente, ser conceitos separados, cada um, possui suas particularidades, pois na literatura, de um modo geral, não há gêneros puros, mas, pode ser encontrado elementos utópicos nas narrativas distópicas. O romance distópico fornece ao leitor elementos para analisar criticamente o exercício social e refletir sobre a contemporaneidade, principalmente pela verossimilhança dos

fatos. Este, por sua vez, pode conter acontecimentos utópicos que estão entre o presente ao mesmo tempo que visitam o futuro, podendo gerar críticas utilizando aspectos da literatura que permitem explorar os excessos configurados pelas relações de controle e de opressão social de forma a questionar ideias sólidas de estruturas de poder. Neste sentido, nessas narrativas a tecnologia também pode ser usada para explorar as imagens intrigantes por meio da ficção, mas também pode deixar de lado a tecnologia e se mostrar um semblante crítico levantando questionamentos sobre aspectos socioculturais em dados grupos.

Esses aspectos socioculturais, além de serem encontrados no texto, também podem fomentar discussões que perpassam os limites do gênero de FC e até da própria Literatura, pois, trazem essas questões para o universo sociocultural, ao notar que esta, de maneira ampla, foi, durante muito tempo, produzida e consumida pelo público masculino. A esse respeito, Zolin e Bonnici (2009, p. 56) afirmam que:

[...]. Nas narrativas de autoria masculina, as convenções dão forma às aventuras, bem como moldam as conquistas românticas segundo um direcionamento masculino. Além disso, são construídas como se seus leitores fossem sempre homens, ou de modo a controlar a leitora para que ela leia, conscientemente, como um homem.

Nesse âmbito, é possível enxergar que as obras masculinas podem se distinguir das obras femininas, visto que, enquanto aquelas se debruçaram em descrever a liberdade do homem de expor suas aventuras, envolvendo a tecnologia, dentre outros aspectos, como já mencionado neste capítulo, as renomadas obras de FC dos autores Júlio Verne, H.G Wells e nas distopias de Aldous Huxley e George Orwell. Essas, por sua vez, proporcionam ao leitor a possibilidade de refletir sobre os lugares culturalmente destinados ao masculino e ao feminino, abrindo caminhos para desvendarmos os preconceitos, estereótipos e visões de um acerca do outro. A respeito disso, a autora ainda observa que essas configurações percorrem as relações de gênero na sociedade e que se distinguem da seguinte forma:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favoritos etc. (ZOLIN e BONNICI, 2009, p. 327)

Logo, é preciso atentar para essa questão de que as obras de autoria feminina possuem um contraste das masculinas, pois, apesar de ambas serem importantes leituras que ajudam a

expandir o olhar social e, é claro, cada uma possui suas particularidades, a questão das relações hierárquicas dos gêneros masculino e feminino, por exemplo, era algo que não estava tão evidente nas obras escritas por homens. Isso, é percebido a partir da escrita feminina, no qual possuem narrativas que abrem espaço para discussões acerca das relações de poder, bem como a existência da hierarquia de gênero, no sentido de busca pela autonomia e que, geralmente, pode ser evidenciado nas distopias produzidas e protagonizadas por mulheres.

Dentre as autoras que merecem destaque a suas publicações com o imaginário futurista, utópico ou distópico, menciona-se aqui, além de Gilman e Shelly citadas anteriormente, são inicialmente, o conto *When it changed* (1972), de Joanna Russ, e o romance *He, she and it* (1991), de Marge Piercy. O primeiro, conforme aponta Rocque, Sawada, Sousa (2019), expõe um planeta habitado somente por mulheres, que se relacionam de maneira afetiva e reproduzem entre si de maneira natural ao contexto da obra, porém, uma nave cheia de homens terráqueos que invadem o planeta delas e, ao longo da narrativa, elas questionam a si mesmas se seriam capazes de se relacionarem com os homens, mas utilizam da ironia para negar essa possibilidade. No segundo, de acordo com Pavani (2017) é questionada a influência da tecnologia na sociedade com a produção de *softwares* e, além disso, Piercy traz a protagonista Shira que ajuda o cientista Avram a criar um ciborgue para defender o local, e ela, ao longo da narrativa, se comunica inexplicavelmente com o futuro, trazendo a temática da mulher como sobrevivente em uma sociedade decadente.

Essa tendência de que alguns aspectos sociais são mais evidenciados nas obras femininas, principalmente a questão de gênero, portanto, pode ser investigada através das distopias de Margaret Atwood e Octavia Butler a serem aprofundadas no próximo capítulo, por meio das protagonistas Offred, em *O conto da aia* (2017), e Lauren em *A parábola do semeador* (2018), em que as autoras apresentam essas personagens lidando com a violência do autoritarismo religioso e político em seus diferentes contextos distópicos.

#### **4 QUESTÕES DE GÊNERO E RELIGIOSIDADE A PARTIR DAS PROTAGONISTAS:**

##### **4.1 OFFRED – O CONTO DA AIA**

O cenário distópico da obra de Atwood é permeado pelo futuro especulativo a partir de um ataque terrorista islâmico que assassinou o presidente e os membros no Congresso

americano. Algumas medidas, portanto, foram tomadas, mas não se sabia ao certo como prosseguir com esses acontecimentos. Sem os governantes, o exército declarou estado de emergência aos Estados Unidos, suspenderam a Constituição, os jornais, por motivos de segurança, foram censurados e era possível que novas eleições fossem realizadas, porém, levaria um tempo.

Não obstante, uma série de acontecimentos também foram degradando a vida em sociedade, causada pelos altos índices de material radioativo, pelo longo processo de degradação ecológica, o aparecimento de doenças que afetaram a maior parte da população, dentre elas estava principalmente a sífilis. Todavia, vítimas desses fatores, algumas mulheres tornaram-se inférteis e outras, apresentaram problemas durante a gestação, ora fazendo com que os bebês nascessem com deformidades, ora morriam logo após o parto.

Diante desse cenário, houve um decréscimo nos índices de natalidade que ameaçava extinguir a própria humanidade, então, diante dessa conjuntura, a sociedade desgovernada, acabou caminhando para um regime totalitarista, que foi implementado pelos fundamentalistas cristãos que pregavam as passagens bíblicas como um método de reversão do caos social, pois segundo o capítulo de *Gênesis*, 30:1-3, posto no início da obra, em que se refere a Raquel, incapaz de gerar filhos de seu marido Jacob, oferece sua serva como veículo para que ele a engravidasse e os dessem herdeiros.

Para que isso acontecesse, foi preciso uma reorganização social em que, as mulheres, vistas pela capacidade biológica de gerar vidas humanas, foram capturadas, separadas de suas famílias, e, além disso, deserdadas, tendo suas contas congeladas nos bancos, e todo o dinheiro em suas contas, foram transferidos para membros familiares masculinos, para impedi-las de escapar do novo regime que, onde antes era os Estados Unidos, a partir desse momento, tornou-se a República de Gilead.

Essa é uma história contada pela protagonista que atravessa a narrativa por meio de *flashbacks* e de suas vivências no presente quando é tornada uma Aia, diante do sistema totalitarista. Em Gilead, a doutrinação vai, de maneira gradativa, tentando apagar as lembranças passadas de cada uma delas, deixado para trás, inclusive, os verdadeiros nomes das pessoas, que em relação às Aias, pertencem a partir desse momento, a seus respectivos Comandantes, no atual contexto. O nome real da protagonista não é mencionado em nenhum momento ao longo do texto, porém, lhe dão o nome de Offred, utilizando o patronímico formado da junção da preposição possessiva em inglês *Of*, que significa “de”, no português brasileiro, com o nome de seu Comandante Fred que, a faz ser identificada como pertencente a ele.

A nova sociedade era, pois, fundamentada na ideia de procriação e, para tanto, as mulheres foram divididas em diferentes castas para atender funções específicas na sociedade: as Aias eram a classe mais importante e mais oprimida, tendo elas, a tarefa de gerar filhos para as famílias inférteis; as Esposas, eram as mulheres dos comandantes que se tornavam mães das crianças geradas pelas Aias; as Martas eram mulheres de baixo *status* e inférteis, por isso, trabalhavam como domésticas nas famílias dos comandantes; as Tias eram as responsáveis pelo treinamento e a doutrinação das Aias, além de supervisionarem os partos e comandarem a execução e castigos daquelas que se opunham ao regime; as Econoesposas eram mulheres pobres que desempenham as funções de Esposa, Aia e Marta; as Não Mulheres, não se encaixavam nas outras divisões, tinham o trabalho de higienizar as Colônias, e, por fim, as Jezebéis, que eram forçadas a se tornarem prostitutas.

Ao serem capturadas, as mulheres jovens, que tinham boas chances de fertilidade, são levadas para o condicionamento comandado pelas Tias, onde eram educadas de forma que esqueçam todos seus próprios princípios e que aprendam e vivam apenas pelos princípios ideológicos *gileadianos*, tal como a própria Offred define, em sua narração, demonstrando um sentimento de perda da sua individualidade:

[...]. Somos para fins de procriação: não somos concubinas, garotas gueixas, cortesãs. Pelo contrário: tudo o que era possível foi feito para nos distanciar dessa categoria. Presume-se que não há nada de divertido a nosso respeito, nenhum espaço para que luxúrias secretas floresçam é permitido; nem quaisquer favores devem ser obtidos por persuasão, por eles ou por nós, não devem existir quaisquer oportunidades ou atividades que possam dar ensejo a amor. Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes. (ATWOOD, 2017, p. 156)

Em alguns pontos do romance, como este citado acima, ela mostra ser uma seguidora consciente do que é pregado em Gilead, e se empenha em passar por despercebida, aceitando o que lhes impõem a fim de sobreviver, mas em outros momentos, principalmente em instantes quando está sozinha, no ato da prece a Deus, ela demonstra críticas aos preceitos religiosos, e até em sua crença, ao explicar seus pensamentos ao leitor:

Então há Reino, poder e glória. Custa muito acreditar neles agora. Mas tentarei de qualquer maneira. Na Esperança, como dizem nas lápides. Deves Te sentir um bocado lesado. Imagino que não seja a primeira vez. Se eu fosse quem Tu és estaria farto. Estaria realmente enjoado de tudo. Creio que essa é a diferença entre nós. Eu me sinto muito irreal, falando Contigo assim. Sinto-me como se estivesse falando com uma parede. Gostaria que Tu respondesses. Sinto-me tão sozinha. (ATWOOD, 2017, p. 234)

Em Gilead, era defendido que tudo o que as pessoas tivessem vivido na sociedade passada, era contrário às leis de Deus, por isso, todos deveriam ver aquele regime como uma chance de fazer o correto e se redimirem de acordo com o que era pregado pelas Tias durante o processo de doutrinação, no Centro Vermelho. Além disso, elas usavam a seguinte ideia: “[...] Mulheres unidas para um fim comum! Ajudar umas às outras em suas tarefas cotidianas enquanto percorrem o caminho da vida juntas, cada uma desempenhando sua tarefa determinada”. (ATWOOD, 2017, p. 195). Especulava-se, de acordo com as Tias, que tudo aquilo acontecesse no presente para que, no futuro, as mulheres vivessem todas como uma única família, reproduzindo até chegar ao ponto de haver mulheres suficientes para atender a meta de nascidos na sociedade e a demanda de famílias que queriam ter filhos.

Após receber essa educação, cada Aia era designada para a casa de um Comandante – figura máxima de poder em Gilead – para engravidá-la. Porém, era feito o possível para que o ato sexual se distanciasse de um momento de prazer para ambas pessoas. Ele acontecia como um ato cerimonial, realizado entre o Comandante, a Aia e na presença da Esposa infértil.

As cerimônias, por sua vez, ocorriam durante o período fértil da Aia, para que as chances de engravidar fossem maiores. A esse respeito, Offred demonstra seu olhar sobre tal ato, de maneira que “[...] embora o desempenhasse de uma maneira mecânica, devia ser em grande medida inconsciente, para ele, como se coçar”. (ATWOOD, 2017, p. 192) e, mais tarde, ressalta que “[...] esse ato de copulação, fertilização, talvez, que deveria ter sido nada mais para mim do que uma abelha é para uma flor, havia se tornado indecoroso para mim, uma embaraçosa violação da decência, algo que não havia sido antes”. (ATWOOD, 2017, p. 193). Embora ambos estejam exercendo suas funções, a personagem descreve como o ato se contrasta em relação ao Comandante e consigo mesma, no sentido de que, enquanto para ele é um processo natural, para ela, é como ter seu corpo invadido.

Essa discussão, no entanto, não é uma exclusividade concebida a partir da escrita de Atwood. Ela é um elemento característico da narrativa distópica que, consoante Hilário (2013, p. 206-207), “busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à catástrofe e barbárie”. No entanto, essas relações desproporcionais vividas por Offred, citadas acima, podem ser vistas fora do texto literário como uma condição real das relações de gênero da nossa sociedade, na qual as mulheres ainda são submetidas à renúncia dos prazeres de seus próprios corpos.



Conforme observa Perrot (2007, p. 76), “[...] o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade”. Todavia, o que a distopia tenta fazer é levar o leitor a refletir sobre o que acontecerá se os problemas de hoje tomarem grandes proporções no futuro. A exemplo disso, destaca-se a reflexão de Offred, sobre como lidava com seu próprio corpo, através de uma lembrança do passado, resgatada na memória e o contexto a que pertence atualmente:

Eu costumava pensar em meu corpo como um instrumento de prazer, ou meio de transporte, ou um implemento para a realização de minha vontade. Eu podia usá-lo para correr, para apertar botões, deste ou daquele tipo, fazer coisas acontecerem. Havia limites, mas meu corpo era, apesar disso, flexível, único, sólido, parte de mim. Agora a carne se arruma de maneira diferente, sou uma nuvem, congelada ao redor de um objeto central, com o formato de uma pera, que é duro e mais real do que eu e que incandesce vermelho dentro de seu invólucro translúcido. [...] (ATWOOD, 2017, p. 90)

É exatamente nesse fragmento, que podemos perceber o quanto os ideais *gileadianos* se apoderaram do corpo das mulheres. Essas formas hierárquicas de poder e estratégias de dominação e sujeição, conforme enfatiza Scott (1995), sustentam as relações de gênero embasadas em diferenças que se estruturam através das práticas sociais. O valor feminino é, por exemplo, dado de acordo com funções determinadas para cada mulher através da classificação. Em Gilead, a vontade do homem é tratada o tempo todo com prioridade e naturalidade, enquanto à mulher, não são permitidos quaisquer tipos de desejo, prazer ou vontade própria. Tudo o que o homem faz, mesmo de maneira inconsciente, abre margens para a violência, isso se configura como se a mulher tivesse de desviar dos caprichos masculinos, pois estes são corretos, e mesmo ele tendo sido autor de algum ato inadequado, cabe a ele se redimir culpando a vítima, nesse caso, a mulher que não soube “manipular”, como se sua obrigação fosse se esquivar da situação. Esse elemento pode ser percebido no discurso doutrinário das Tias, conforme é citado por Offred:

Homens são máquinas movidas a sexo, dizia Tia Lydia, e não muito mais. Eles querem apenas uma coisa. Vocês têm que aprender a manipulá-los, para o bem de si mesmos. Levá-los pelo nariz para onde quiserem; isso é uma metáfora. É a maneira como funciona a natureza. É o plano de Deus. É a maneira como são as coisas. (ATWOOD, 2017, p. 174)

No tocante aos lugares do feminino e do masculino diante desse cenário ficcional, podemos observar, de acordo com Lemos (2013, p. 201) que, “A religião, enquanto sistema simbólico que contém e expressa o *ethos* de uma população, interage, de maneira dialética, com

uma das destacadas características socioculturais de nossa história: o patriarcado”. Nesse ponto, é preciso destacar que, estritamente, esse discurso fundamentalista religioso toma uma proporção ainda maior na cultura de Gilead do que na sociedade de antes, e reforça o sistema patriarcal que enfatiza as relações de diferença de gênero, no sentido de afirmar os lugares de ambos gêneros e torna ainda mais restrito o espaço feminino nas relações sociais e religiosas. Em outras palavras, seria como se a mulher tivesse que obedecer ao homem conforme os planos de Deus.

Seguidamente, outro detalhe relevante a esse respeito, é quando Nick – o homem denominado Olho, que trabalha para o Comandante Fred – dirige a palavra a Offred, quando ela está de saída e, então, ela fala com sua própria consciência: “Ele não deveria falar comigo. É claro que alguns deles tentarão, dizia Tia Lydia. [...] Deus os fez assim, mas Ele não as fez assim. Ele as fez diferentes. Cabe a vocês impor os limites. Mais tarde receberão agradecimentos”. (ATWOOD, 2017, p. 57). Esse trecho deixa explícita a ideia que aquela sociedade tem sobre os “papéis” de gênero, que se dá através do pensamento da criação humana pelo mito cristão, e o coletivo toma como verdade absoluta, sem pensar no quão essas relações se diferenciam e no quanto para um é uma situação favorável, ao estar na condição masculina que oprime, e para o outro é adverso, ao estar na condição de oprimido.

Progredindo a história, no momento que está acontecendo o casamento coletivo, um Comandante encarregado de realizar a celebração discursava, conforme é narrado por Offred, que: “Aqueles anos foram apenas uma anomalia, historicamente falando, disse o Comandante, apenas uma feliz casualidade. Tudo o que fizemos foi pôr as coisas de volta, de acordo com a norma da Natureza”. (ATWOOD, 2017, p. 261) A todo momento, o passado é repetido com um tom de erro, aspecto característico de regimes totalitários, que buscam reforçar o tempo todo, que o correto de onde todos devem estar, sem se rebelar, é o tempo presente e manipular a sociedade como sendo uma obra divina. Mais tarde, nos momentos finais da celebração, o Comandante continua: “Que a mulher aprenda em silêncio com toda sujeição. Aqui ele lança um olhar para nós. – Toda – repete ele. – Mas não tolerarei que uma mulher ensine, nem que usurpe a autoridade do homem, apenas se mantenha em silêncio”. (ATWOOD, 2017, p. 262). Esses aspectos, certamente, retomam a discussão inicial do capítulo 2 deste trabalho, quando nos leva a entender o sistema patriarcal, a perceber as estruturas de poder estabelecidas pelas práticas sociais que perpassam a história, não somente na vida cotidiana, mas também na literatura.

Ainda a esse respeito, Colling e Tedeschi (2019, p. 517) ressaltam que “No puritanismo, ou outras formas de fundamentalismo religioso, se perpetua a vigilância sobre a intimidade da

mulher e a exigência de recato e de observância de valores morais cunhados especificamente para elas”. Esse caráter de vigilância e observância é encontrado na narrativa não somente por parte dos homens que trabalhavam para os Comandantes: os Olhos, que atuavam como seus motoristas, e, além disso, exerciam a função de vigiar as Aias, para que não escapassem da residência; os Guardiões, que atuavam como soldados que transportavam as Aias ou as prendiam e as levavam às Colônias, em caso de punições graves. É encontrado também, pelas próprias companheiras Aias, que saem juntas para fazer compras, uma tendo que fiscalizar a outra atentamente.

No entanto, apesar de viver sob todo o cuidado e vigilância desses agentes opressores, o Comandante Fred tenta se aproximar de Offred, sua Aia, através de encontros marcados às escondidas pela noite, em seu escritório. Nesses encontros, enquanto ele desfruta da companhia de Offred, ele a deixa ler alguns de seus livros e até lhe fornece alguns produtos de beleza que foram banidos e proibidos que as mulheres usassem. Ao contrário, em sua fala, podemos perceber que, por parte dela, essas visitas ao escritório não significam, necessariamente, como um relacionamento afetivo entre ambos:

Se eu for apanhada, será à mercê dos ternos cuidados de Serena Joy que serei entregue. Ele não deve interferir nas questões de disciplina doméstica, isso é assunto de mulheres. Depois, reclassificação. Eu poderia me tornar uma Não mulher. Mas recusar-me a vê-lo poderia ser pior. Não há nenhuma dúvida quanto a quem detém o poder de verdade. (ATWOOD, 2017, p. 165)

Diante dessa circunstância, Offred até ironiza a situação, ao pensar no que aconteceria se a esposa do Comandante descobrisse aqueles encontros secretos, porém, mede entre sua melhor opção, a de ir vê-lo como um propósito de sobrevivência, afinal, se ela o recusasse, havia a possibilidade que ele pudesse fazer algo pior do que se uma terceira pessoa descobrisse, pois o maior poder era o do homem, tendo esse sistema, totalmente permeado pelos costumes tradicionais e os valores patriarcais, em que a figura feminina é subalterna e subserviente ao homem, enquanto este é quem detém a autoridade.

Perrot (2007, p. 83-84) afirma que, de maneira ampla, existe entre a religião e a mulher, uma relação que é paradoxal, pois, ao mesmo tempo que ela é poder das mulheres, também atua sendo poder sobre as mulheres, nesse sentido:

[...] as grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos. A hierarquia do masculino e do feminino lhes parece da ordem de uma Natureza criada por Deus. Isso é verdade para os grandes livros fundadores – a Bíblia, o Corão –

e, mais ainda, para as interpretações que são trazidas a esse respeito, sujeitas a controvérsias e a revisões.

No entanto, através dessas construções, a personagem Offred, cumpre com a sua condição de aia, por não ter alternativas para mudar sua condição, afinal a sociedade chegou ao ponto de as mulheres serem manipuladas e forçadas a cumprirem com suas funções determinadas através de interpretações equivocadas do texto bíblico. Elas são levadas a acreditar que precisam se redimir de seus pecados e aceitar todas aquelas condições que lhes são impostas, que levam a problemática do determinismo biológico. Porém, ela está a todo momento tentando sobreviver se apegando a suas lembranças do passado na esperança de que em algum momento, aquilo tenha um fim, ou então, um recomeço.

#### 4.2 LAUREN – *A PARÁBOLA DO SEMEADOR*

O cenário distópico da obra de Butler é ambientado por um capitalismo bárbaro que permeia os Estados Unidos, e que acaba se transformando em um governo caótico, no qual, o presidente eleito não cumpre com suas obrigações de líder em prol do povo, e sim, em prol de si mesmo, fazendo com que o país caminhasse para uma situação de pobreza e desordem. Desse modo, o desgoverno do país, de fato, mudou a sociedade estadunidense, porém, não foi o único responsável que contribuiu para que a sociedade entrasse em decadência.

Além da crise política, havia também a crise econômica, em que a água potável para o consumo humano passou a ser mais cara do que a gasolina, as pessoas não tinham dinheiro suficiente para comprar água, para comida ou abrigo, fazendo com que aqueles que não tivessem recursos roubassem de quem tinha, e cada família passa a procurar sobrevivência a seus próprios métodos. Houve uma grande crise ambiental causada não apenas por parte dos governantes, mas também pelo próprio descuido da humanidade com a natureza, que acabou ocasionando o cenário devastado, devido a queimadas, a poluição de lixo, dentre outros aspectos causados pelo desleixo humano a longo prazo.

A presente história é contada através dos relatos registrados no diário de Lauren Olamina, uma menina afro-americana que vive na comunidade de Robledo, em Los Angeles, cercada por muros, como uma forma de proteção. Em seus registros, ela expõe aspectos da sua vida e de seu bairro, desde quando tinha 15 anos de idade, em 2024, e percorre até seus 18 anos, em 2027. Pelo fato de sua mãe ter falecido logo após o parto, Lauren passou a viver com o pai,

e mais tarde, com sua madrasta e seus três meios-irmãos. Assim, ela lida com sua condição genética herdada pela mãe, que era usuária de drogas, – a síndrome de hiperempatia, que permite a ela sentir os prazeres ou as dores de quem estiver por perto. Esses assuntos pessoais, como ressalta Lauren, “[...]. Para o meu pai, o negócio todo é vergonhoso. Ele é pregador, professor e deão. Uma primeira esposa era viciada em drogas e uma filha prejudicada por isso não são coisas das quais ele queira se gabar. [...]” (BUTLER, 2018, p. 22)

Nesse ponto, é preciso pôr em relevo que não há, como destaca a protagonista, um sentimento de orgulho da parte do pai nesse aspecto de sua vida. Dessa forma, pode-se enxergar que existe uma responsabilidade masculina atrelada à ideia de querer transmitir uma boa imagem e tudo o que representa ser um “homem honrado” como marido e pai, e se relaciona a ideia de que mulheres e filhos, no sistema patriarcal, são posses do homem e, portanto, refletem diretamente a imagem dele para os membros de sua comunidade. Perante a isso, observa Machado (2004, p. 53) no sentido de que “[...] Ser homem é associado a ser possuidor da honra do homem, assentada em dois pilares: a assunção da responsabilidade de pai e marido que não pode deixar faltar nada, e ter uma mulher respeitada”. Nesse caso, como o seu primeiro casamento foi tão pouco desenvolvido, sendo malvisto pelo próprio pai, os valores do controle e da correção recaem sobre os filhos, e tendem a prevalecer principalmente com Lauren, fruto desse primeiro relacionamento.

Situados em um contexto caótico onde as pessoas estão constantemente em alerta por conta da violência, quem precisa sair da comunidade com intuito de conseguir suprimentos, costumavam ir em grupos e armados, tentando sobreviver. Alguns adultos saem para trabalhar apenas um dia na semana, as igrejas foram invadidas pelas pessoas sem teto, as crianças não frequentam mais as escolas e, portanto, recebem educação por seus pais, como no caso da protagonista, a educação que seu pai lhe dá, juntamente com os seus irmãos, é basicamente fundamentada em preceitos bíblicos, já que o patriarca é um ministro batista.

Apesar de receber uma educação fundamentada na ideologia do pai e de demonstrar respeito pela figura paterna que ele representa, Lauren mostra, desde o início do romance, através da escrita, suas próprias inquietações religiosas:

Há pelo menos três anos, o Deus de meu pai deixou de ser o meu Deus. A igreja dele deixou de ser a minha igreja. E ainda assim, hoje, por ser uma covarde, eu me permito ser iniciada naquela igreja. Deixo meu pai me batizar em todos os três nomes daquele Deus que não é mais meu. Meu Deus tem outro nome. (BUTLER, 2018, p. 16)

Essa aversão ao Deus na qual seu pai acredita é inicialmente sustentada pela protagonista e essa afinidade com outro Deus é um aspecto que se desenvolve ao longo do crescimento da personagem, no decorrer da narrativa distópica. Nesse ponto, tem-se o pastor batista e pai de Lauren, como figura central que exerce ação sobre a protagonista. Ele exerce um papel de poder sobre a filha, impondo-a a agir conforme o seu desejo de pastor e de pai, sendo ela obrigada a conceder esse desejo, mesmo contra a sua própria vontade. Por outro lado, percebe-se que a protagonista não acatou de forma tão passiva à vontade do pai. Ela passou, primeiramente, por um enfrentamento em relação à crença dele e, posteriormente, a ele. Logo, quando ela revê a crença religiosa e vê Deus com outros olhos, ela também passa a enxergar o próprio pai com outra perspectiva.

Nesse sentido, Butler, por sua vez, traz um enredo repleto de desdobramentos importantes para a literatura distópica, principalmente por questionar, através de sua protagonista, a presença da religião dentro da ficção científica. Lauren, mesmo na fase da imaturidade na adolescência, parece ter plena consciência do que acontece ao seu redor, agregando ao fato de ser uma jovem observadora a tudo o que acontece na comunidade onde vive.

Tenho prestado atenção no que as pessoas acreditam - se acreditam, e nesse caso, no tipo de Deus em que acreditam. Keith diz que Deus é só um modo que os adultos têm de tentar nos assustar para fazermos o que querem. Ele não fala isso perto do meu pai, mas é o que diz. Ele acredita no que vê, e independentemente do que esteja na frente dele, não enxerga muito. Acho que meu pai diria isso sobre mim se soubesse em que acredito. Talvez estivesse certo. Mas não me impediria de ver o que vejo. (BUTLER, 2018, p. 25)

Nesse fragmento, percebemos a opinião de Keith, irmão mais novo de Lauren, a respeito da religião do pai e, assim como sua irmã, ele não refuta a crença religiosa do pai através da fala, mas difere da visão de Lauren por não acreditar em um Deus e, sim, critica a maneira de enxergá-lo como uma figura tirânica que está presente nos discursos das pessoas. Além disso, esse fragmento remete a discussão trazida por Lemos (2013) no capítulo 2 deste trabalho, no sentido de poder enxergar essa sociedade fictícia como um sistema patriarcal, trazendo para o contexto da obra, a figura do pai (o patriarca) que exerce autoridade maior da família; Lauren (a filha mulher), subordinada ao pai e Keith (o filho jovem) também sendo subordinado ao pai, por ele ser a figura masculina mais velha e que está no comando de todos da família. Mesmo que de maneira sutil, esses aspectos se configuram por ambos filhos do pastor, não conseguirem expor suas opiniões em detrimento da ideologia religiosa do próprio pai, a igreja batista.

A esse respeito, essa doutrina prega a salvação das pessoas por meio da fé e prática à Bíblia Sagrada, tendo em sua cultura, o costume que em algumas religiões acontece mesmo antes de que a criança tome conhecimento de fato do que é aquilo. Como mencionado no fragmento anterior, estava para acontecer a celebração de um batismo coletivo com alguns adolescentes da comunidade, incluindo a própria Lauren e seu irmão Keith. E conforme tenha sido ordenado por seu pai, ela acaba não tendo espaço para dialogar a respeito do que realmente pensa sobre essa prática religiosa e acaba não expressando na fala o que realmente pensa sobre tal fato, então, deixa registrado em seu diário: “Seríamos batizados por obrigação ou por algum tipo de garantia, mas a maioria de nós não liga muito para religião. Eu ligo, mas tenho uma religião diferente”. (BUTLER, 2018, p. 17-18)

Um olhar mais preciso sobre as opiniões de Lauren revela que o que ela mais teme é a acomodação das pessoas da comunidade, pois representa um perigo para a sobrevivência, ao ver que as pessoas creem que com o muro que os rodeia, sempre estarão a salvo, ou que algum novo líder assuma o governo ou que, com muita fé, as condições sociais, ambientais e políticas se tornem possíveis novamente. Em conversa com sua amiga Joanne, Lauren tenta avisá-la de tentar ler para aprender o máximo de coisas possíveis no intuito de sobreviver, caso a comunidade fosse dizimada, então, Joanne a rebate da seguinte forma: “— Seu pai diz não acreditar que as pessoas mudaram o clima, apesar do que os cientistas dizem. Ele diz que só Deus poderia transformar o mundo de modo tão significativo”. (BUTLER, 2018, p. 75) e Lauren responde: “Você acredita nele? [...]. Meu pai tem seus pontos cegos — falei. — É a melhor pessoa que conheço, mas até mesmo ele tem seus pontos cegos”. (BUTLER, 2018, p. 75)

Ao tentar abrir os olhos de Joanne sobre esse estado de acomodação das pessoas em que Lauren acredita, se torna evidente o fato de ela julgar a crença de seu pai como a principal falta de vontade dos habitantes de buscar outros meios para sobrevivência, além dos muros, pois esta ideologia e os discursos do pastor se encontram tão enraizada na sociedade que, após essa conversa, Joanne contou para os familiares que, mais tarde, foram falar sobre o acontecido diretamente com seu pai. Nessa situação, ao chegar em casa, o pai de Lauren destaca que: “— Essas coisas assustam as pessoas. É melhor não falar sobre elas. [...]. Não alerte a Joanne, ou nenhuma de suas amigas — disse ele. — Não agora. Sei que você acha que está certa, mas não está ajudando ninguém. Só está deixando as pessoas em pânico”. (BUTLER, 2018, p. 82) Então, Lauren tem de se desculpar, mesmo tendo um ponto de vista relevante naquele contexto, pois além de ser seu pai, ele também é visto como uma espécie de líder, responsável pela manutenção e ordem na sociedade a quem as pessoas respeitam em sua função de pastor. Dessa forma, têm-

se a opressão da autoridade do pai relacionada a opinião da protagonista sobre a crença religiosa.

Progredindo na narrativa, pode-se perceber que as especulações de Lauren estavam sendo efetivadas. A comunidade estava sendo destruída progressivamente. Primeiro, Keith havia fugido da comunidade e, em algumas semanas, o encontraram morto. Após o funeral, a comunidade sofreu uma série de invasões de pessoas que conseguiram pular o muro e roubaram certa quantia de suprimentos dos habitantes, repetindo-se outras vezes após a morte de Keith. Em segundo lugar, a impressão da protagonista sobre o lugar se tornar cada vez mais vulnerável se solidifica após algumas semanas, quando seu pai também havia sumido à procura de um outro lugar para viver com sua família e, como não havia mais vestígios de sua existência, foi dado como morto. Lauren, por sua vez, resolveu fugir da comunidade em busca de um outro local que pudesse sobreviver, quando se deu conta que Robledo estava sendo dizimado.

Naquele momento, a comunidade sofreu uma grande invasão de pessoas de fora do muro. Quando Lauren voltou para ver seus irmãos e sua madrasta, notou que só haviam cadáveres e pessoas desconhecidas com os pertences que restaram das famílias do bairro. Então, apesar de sua síndrome, essa cena de maior impacto emocional em sua vida, foi o ato onde ela mais teve autocontrole emocional, e a prática da escrita lhe ajudou a ser resistente nessa jornada. Longe da influência do pai, da ideologia religiosa que a oprimia e do ambiente onde estava isolada todo esse tempo, a protagonista finalmente encara seu destino e vai em busca de um lugar onde conseguisse viver e manifestar suas próprias opiniões, demonstrando uma liderança, ao longo do percurso, que conseguisse motivar as pessoas sobreviventes que cruzassem seu caminho, pregando a importância de se manterem unidos e lutando pela sobrevivência.

Desse modo, libertando-se da visão autoritária de um Deus descrito a todo momento pelo Antigo Testamento da Bíblia, e tomando como base tudo o que já havia lido a respeito, Lauren mostra um olhar mais livre de crer em um Deus, nomeado “Semente da Terra”, cujo plano para sobreviver em outro lugar com outro estilo de vida e é, justamente, uma analogia à semente: criar raízes, no sentido de se estabelecer em um lugar confortável e frutificar, no que diz respeito a compartilhar com outras pessoas um Deus mais justo e possível.

Nesse sentido, ao longo do caminho um pequeno grupo de sobreviventes é formado e eles acampam juntos até chegar em um ambiente mais seguro para se estabelecer. No entanto, no processo de compartilhar o que a protagonista acredita, ela se expõe às pessoas que desacreditam totalmente em Deus como força maior, naquele contexto de fome e violência. Desse modo, destaca-se o momento enquanto conversava com Travis e outros sobreviventes que encontrou em meio ao processo de sobrevivência, longe da comunidade: “Eu estava



procurando por Deus – falei. – Não estava procurando mitologia, nem misticismo, nem mágica. Não sabia se havia um deus a ser encontrado, mas queria saber. Deus teria que ser uma força que não poderia ser desafiada por ninguém nem por nada. [...] – Mudança, sim”. (BUTLER, 2018, p. 269) E Travis, por sua vez, refuta a crença da protagonista, por achar que a Mudança é apenas uma ideia criada por ela. Porém, percebe-se um enfrentamento de Lauren ao demonstrar seu ponto de vista a uma figura masculina, que antes, quando vivia em sua comunidade, não era possível.

Nota-se que há uma reconstrução do discurso da protagonista que, desta vez, não depende de apenas palavras escritas em seu diário, mas também de conseguir externar através da fala, suas opiniões, o seu modo de agir e revelam características de sua personalidade, que como observa Silva Júnior (2019, p. 38), “[...] suas ações sempre procuram comunicar algo além do nível meramente descritivo e servem a um propósito maior do que o de narrar acontecimentos que oferecem dinamicidade à história, eles demonstram um discurso ideológico definido”.

Não obstante, quando Zahra e Natividad lhe desafiaram, fazendo questionamentos sobre um deus homem ou mulher, Lauren respondeu com a seguinte afirmação: “[...] Quando eu disse que a Mudança não tinha gênero e que não era uma pessoa, eles ficaram confusos, mas não desdenharam. Só Harry se recusou a levar a conversa a sério. [...]”. (BUTLER, 2018, p. 273). Dessa forma, observa-se que além de Lauren conseguir driblar as forças opressoras do patriarcado, conseguindo expor o que pensa, também se denota que esse novo conceito de religião se contrapõe totalmente da doutrina autoritarista do pai, das pessoas de sua antiga comunidade e colabora para que, no futuro, aja uma sociedade igualitária em termos de gênero.

Na obra, ela nomeia esse conceito livre de acreditar permeado pelo sentido de Mudança como “Semente da Terra”, além disso, muda-se a questão de gênero, muda-se a religião. Tudo o que a protagonista defende se consolida quando ela e seu grupo encontram um lugar mais seguro para se estabelecer, formar uma comunidade e ter um novo estilo de vida. Como líder, Lauren decide que aquele seria um bom lugar para viver e celebra uma espécie de batismo do lugar que termina, justamente, com a passagem de *Lucas 8: 5 – 2*, da Bíblia, que remete ao próprio título do romance *A parábola do Semeador*, pois condiz ao ensinamento de que um semeador que saiu a semear, e as sementes que caíram em boa terra germinaram e deram uma boa colheita e, precisamente no romance, a personagem de Lauren que mesmo em meio ao caos, faz como a figura de um semeador, agindo em busca de um bom lugar, para cultivar a terra, ou seja, para espalhar o conhecimento, e, assim, colher os bons frutos no futuro.

### 4.3 OFFRED E LAUREN

Ao nos debruçarmos sobre o universo distópico de *O conto da Aia*, de Atwood e *A parábola do Semeador*, de Butler, compreendemos que as críticas sociais que envolvem ambos romances, ora se diferenciam uma da outra, ora se aproximam, sobretudo quando as duas sociedades apresentam classes dominantes, agindo sempre a favor da opressão feminina diante do sistema patriarcal. Nesse sentido, ainda que as suas respectivas discussões revelem faces do fundamentalismo religioso, este que se instaura de formas distintas no âmbito ficcional das obras, têm-se as protagonistas femininas como sobreviventes, pelas quais analisamos com base nos estudos da literatura comparada.

Consoante Silva Júnior (2019) os romances distópicos, de modo geral, deixam evidente as ligações com governos totalitários, mas resplandecem temas ainda mais amplos, que, no caso das obras desta pesquisa, é a perspectiva ideológica através das relações hierárquicas de poder na sociedade. Sendo assim, ao debruçarmos o olhar sobre estas obras, vemos que tanto Gilead, quanto Robledo se baseiam em princípios bíblicos do Antigo Testamento. E enquanto nesta sociedade, as pessoas não tem outras alternativas e usam a fé e os ensinamentos bíblicos como esperança de que um dia aquilo terá fim, naquela, por sua vez, a palavra bíblica se torna rigorosa e retrai a características medievais, onde apenas os homens detêm o conhecimento do livro sagrado.

Na sociedade gileadiana, de *O conto da Aia*, a protagonista é evidenciada como uma personagem atípica de seus congêneres pelo fato de não seguir o modelo de uma heroína comum da distopia, nem realizar ação heroica elaborada por si mesma dentro da narrativa, ela é, portanto, uma mulher comum. Na cena em que ela passeia com outra Aia, por exemplo, um grupo de turistas as veem e decidem direcionar a pergunta sobre elas serem felizes na posição de Aia, e Offred, ao notar o silêncio de sua parceira, responde: “Sim, somos felizes – murmuro. Tenho que dizer alguma coisa. O que mais poderia dizer?” (ATWOOD, 2017, p. 37) essa é uma das posições assumidas pela personagem que ressalta uma imagem de sobrevivente, por ela se concentrar em passar por despercebida em algumas situações, como esta, por exemplo.

Ao ter vivenciado o momento da transição da sociedade estadunidense à ascensão da República de Gilead, Offred traz consigo suas experiências femininas vividas anteriormente:

Lembro-me das regras, regras que nunca eram explicadas em detalhes, mas que toda mulher conhecia: não abra sua porta para um desconhecido, mesmo se ele disser que é da polícia. Faça-o passar o cartão de identificação por baixo da porta. Não pare na estrada para ajudar motorista fingindo estar com

dificuldade. Mantenha as portas trancadas e siga em frente. Se alguém assobiar, não se vire para olhar. Não entre numa lavadeira com máquinas de autoatendimento sozinha, à noite. (ATWOOD, 2017, p. 35)

Essas regras, trazidas pela lembrança da personagem, dizem muito sobre os cuidados a serem tomados pelo fato de ser mulher diante de um sistema patriarcal, que não se distancia do período de escrita da obra, nem do contexto social na atualidade. Nesse fragmento, podemos notar que a obra critica o patriarcado de seu tempo, e através da memória da personagem, também critica, de maneira geral, a que proporção esse problema chegou ao romance como um todo. Dessa forma, entende-se que a mulher que antes já não circulava livremente, precisando atentar para os perigos de ser uma mulher na esfera patriarcal, em Gilead, não há mais cuidados como esses a serem tomados, pois não há de forma alguma, liberdade feminina.

Nesse sentido, mesmo diante desse sistema opressor, cuja principal estratégia de domínio é manipular o passado dos indivíduos, especialmente das mulheres, Offred, em meio a essa situação, é uma personagem que busca maneiras de resistir, ao manter um vínculo com o passado por meio das lembranças do seu estilo de vida anterior e da sua família, como no trecho: “estou deitada na cama, com Luke, a mão dele sobre minha barriga arredondada. Nós três na cama, ela chutando, se virando dentro de mim. [...] Se eu pensasse que isso nunca mais aconteceria eu morreria”. (ATWOOD, 2017, p. 125). Dessa forma, é em seu único momento a sós, em seus aposentos que ela se permite lembrar de suas vivências na antiga sociedade, questões evidenciadas no seguinte trecho: “Fecho os olhos e, de repente, ela está aqui comigo, sem aviso prévio [...]. Ela volta para mim com várias idades diferentes, por isso sei que ela não é, no fundo, um fantasma. Se fosse um fantasma, teria sempre a mesma idade”. (ATWOOD, 2017, p. 71). Em ambos fragmentos, é evidente que, a partir de suas lembranças, Offred faz projeções para um futuro sem o regime totalitário de Gilead, que são, sobretudo, ter seu marido e sua filha de volta, e esses elementos proporcionam ao leitor, os momentos mais tocantes da narrativa.

Outro aspecto relevante sobre sua resistência como personagem é quando percebe uma mensagem rabiscada no armário de seu quarto, que foi provavelmente deixada por outra Aia que havia morado com a mesma família do Comandante que agora a possui: *Nolite te bastardes carborundorum*. Mesmo sem saber o significado dessa frase, na percepção da protagonista, se tornou algo simbólico, tendo optado por repeti-la para si mesma como uma oração, de acordo com o que a própria personagem ressalta:

Agrada-me refletir sobre essa mensagem. Agrada-me pensar que estou em comunhão com ela, essa mulher desconhecida. [...]. Agrada-me saber que sua mensagem tabu conseguiu chegar a pelo menos outra pessoa, que se fez

carregar por si mesma, deixada sobre a parede de meu armário, foi aberta e lida por mim. (ATWOOD, 2017, p. 66)

Mais tarde, Offred descobre, ao questionar ao Comandante em encontros às escondidas, que essa Aia havia cometido suicídio dentro do próprio quarto. Essa atitude da Aia anterior é, portanto, compreensível, tendo em vista o que a República de Gilead lhes obriga a fazer. As mulheres, independente das castas, exercem um papel social cru e opressivo, tendo que se desfazer de sua liberdade para satisfazer obrigatoriamente o patriarcado. Essa é uma atitude, no entanto, pode ser entendida como forma de libertação. No que concerne a Offred adotar essa mensagem como uma oração em que ela se sente protegida, se parece muito com o que conhecemos atualmente por “sororidade feminina”, no sentido de ela ter empatia, com o exercício de se colocar no lugar da outra, sem julgar as atitudes da mulher que antecedeu seu lugar, e sim, de respeitá-la.

Essas resistências encontradas por Offred, analisadas até aqui, bem como o apego às lembranças que lhe permitiam ter uma visão diferente do futuro, junto da mensagem em seu armário, provocam um dinamismo em sua narrativa. Essa relação se dá também pelo fato de ela estar contando sua própria história, fornecendo um escape para sua salvação:

Gostaria de acreditar que isso é uma história que estou contando. Preciso acreditar nisso. Tenho que acreditar nisso. [...]. Se for uma história que estou contando, então tenho controle sobre o final. Então haverá um final, para a história, e a vida real virá depois dele. Poderei recomeçar onde interrompi. (ATWOOD, 2017, p. 52)

Sendo assim, mesmo Atwood tendo deixado o fim da narrativa aberto a diversas possibilidades, inferimos que a protagonista tenha conseguido fugir de Gilead para um lugar seguro, longe das estruturas dominadoras da sociedade *gileadiana*, tendo em vista que ela conseguiu, de alguma forma, contar sua própria história.

Assim como Offred, vemos que Lauren é uma contadora de histórias. Enquanto aquela busca uma maneira de contar sua própria história ao fim da narrativa, esta usa desde o início a escrita de seus relatos em um diário como um forte elemento de resistência, já que ela se sente oprimida ao tentar expressar livremente suas opiniões dentro da comunidade e diante do seu pai, que também atua como um líder da igreja. É no ato de escrever que a protagonista de Butler consegue se manter consciente, de se expressar e mostrar sua maneira diferente de acreditar em algo.

Da mesma maneira que Offred se recusa a acreditar cegamente naquele Deus cultivado a todo tempo pelas pessoas, e decide se concentrar nas lembranças e na mensagem simbólica

da outra Aia, Lauren em seu contexto distópico, também rejeita essa perspectiva e começa a observar as práticas sociais principalmente as que envolvem as questões religiosas. Além disso, ela reflete, lê muitos livros e escreve para se conectar com aquilo que acredita, já que não lhe é incentivado a compartilhar suas opiniões publicamente.

Além do importante ato de escrever, esse caráter observador da personagem, traz em si um inerente potencial alicerçado a sua mudança a respeito da crença religiosa predominante em sua comunidade. Ao longo do romance, são várias as situações com os quais Lauren se depara com pessoas que creem cegamente nas pregações do pai e na literatura bíblica, mas na primeira oportunidade, se contradizem aos ensinamentos daquele Deus. Na cena em que a sra. Sims cometeu suicídio, por exemplo, Lauren destaca que: “Ela pensava, como meu pai, que se você se mata, vai para o inferno e arde para sempre. Acreditava em uma aceitação literal de todas as coisas da Bíblia. Mas quando as coisas se tornaram pesadas demais, decidiu trocar a dor mundana pela eterna no além-mundo”. (BUTLER, 2018, p. 36) e ainda faz a seguinte ressalva: “Será que acreditava em alguma coisa mesmo? Ou era só hipocrisia?” (BUTLER, 2018, p. 36) Isso também revela a quão desesperadora é a vida desses personagens, de modo que, a Sra. Sims age contra sua própria fé para se livrar de todo o sofrimento.

É através desses elementos que Lauren percebe que existia um problema ainda maior do que a falta de governo, as questões ambientais e econômicas, era, na verdade, o próprio fundamentalismo da população que impede as pessoas de verem o que Lauren vê. Então, ao refletir sobre esse aspecto, Lauren escreve o seguinte verso em seu diário: “A fé inicia e guia ações... ou não faz nada”. (BUTLER, 2018, p. 62). Através desse verso, percebemos que em relação à sua comunidade, somente a fé das pessoas não seria o suficiente para fazer todos os problemas desaparecerem. Então, a partir disso, ela decide reunir todos os versos e escritos sobre Deus, desde quando tinha seus 12 anos de idade, e escrever ainda mais para transformá-los em um livro, deixando registrado tudo em que acreditava, este que foi apelidado de “Semente da Terra: o livro dos vivos”.

É preciso notar que Lauren, em sua narrativa, está em uma situação muito menos adversa do que a vivida por Offred, esta que se encontra em um contexto totalmente controlador e apoderado do corpo feminino. Lauren é uma personagem que também sofre opressão, principalmente quando tenta alertar sua amiga sobre os perigos de continuar em Robledo, mas seu pai reprime totalmente a sua opinião, conforme destacado no subtópico anterior. Porém, ao ter de se explicar ao pai sobre sua conversa com a amiga, ela tenta se impor, usando o seguinte argumento: “– Mas, pai, é como... como ignorar um incêndio na sala de estar porque todos estão na cozinha e, além disso, os incêndios domésticos são assustadores demais para serem

abordados”. (BUTLER, 2018, p. 82). Nota-se nesse momento que, mesmo o pai de Lauren tendo pedido para que ela parasse de conversar sobre isso com as pessoas, Lauren, diferente de Offred, pode agir confrontando o próprio pai, e, conseqüentemente, enfrentando o próprio patriarcado, tendo em vista que ele a reprime no sentido de expor sua opinião.

Embora Lauren queira alertar as pessoas, ela tem consciência dos perigos de falar com o próprio pai sobre o que ela pensa sobre a sua ideologia religiosa. Então, Diante de todos esses aspectos, Lauren, enquanto não chega aos seus 18 anos de idade – meta estipulada pela própria personagem, por tornar-se uma adulta – ela continua na casa do pai, buscando maneiras de conseguir sobreviver, caso fugisse da comunidade: “– Quero aprender tudo o que eu puder enquanto puder – declarei. Se eu acabar lá fora, talvez o que eu aprendi me ajude a viver o suficiente para aprender mais”. (BUTLER, 2018, p. 76)

Nesse ponto, observa-se que a protagonista trava uma luta silenciosa fazendo projeções futuras em um lugar distante de Robledo: “Para começar a Semente da Terra, terei que sair. Sei disso há muito tempo, mas a ideia me assusta tanto quanto sempre assustou”. (BUTLER, 2018, p. 155). Ela sabe que não adianta só escrever, então, projeta fora da comunidade, um lugar onde possa colocar em prática as suas próprias concepções e percepções sobre aquilo que acredita, vê que não é possível compartilhar seus conhecimentos, se continuar no lugar onde está e ela precisa de um lugar para se libertar dessa situação de oprimida.

É, pois, na luta pela sobrevivência, ao sair da comunidade, que juntamente com seu grupo, ela encontra um lugar perfeito para iniciar as projeções para o futuro como havia desejado. Em comparação com a antiga e a nova comunidade de Lauren, podemos perceber que, em Robledo, as famílias viviam juntas apenas para aumentar suas chances de sobrevivência, era uma sociedade fundada sobre uma visão religiosa em que o destino das pessoas não as pertencia, e as pessoas viviam sempre à espera da vontade de um Deus que não parecia se importar. A comunidade de Lauren, por outro lado, possui um pragmatismo oposto, sendo mais igualitária e justa.

Poderíamos também oferecer educação e serviços de leitura e escrita a adultos analfabetos. Poderia haver um mercado para esse tipo de coisa. Tantas pessoas, adultos e crianças, são analfabetas hoje em dia... Talvez conseguíssemos fazer isso – cultivar nossos alimentos, prosperar para que nós e nossos vizinhos nos tornemos algo novo em folha. A Semente da Terra. (BUTLER, 2018, p. 278)

Logo, em conformidade com o discurso de Lauren, a cada indivíduo que se aproxima de Lauren, durante a jornada em busca de um lugar melhor, ela faz questão de que faça parte

do seu grupo e se torne mais um sobrevivente. Ela imagina que cada um possa partilhar os conhecimentos para, então, formar uma comunidade segura e acolhedora. A construção dessa personagem, em relação a Offred, envolve traços característicos de uma personagem heroína. Sobre isso, é preciso considerar que ela é, desde o início, uma personagem que observa tudo o que acontece na sociedade e, por isso, é inconformada com o fato de as pessoas serem acomodadas com aquela situação. Entretanto, não se acomoda com seu estado passivo e decide agir, fugindo de sua comunidade com o objetivo de acolher mais sobreviventes, compartilhar seus versos de um Deus que pode ser moldado por cada um e, juntos, formar uma sociedade melhor no futuro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda a discussão apresentada neste trabalho, pode-se concluir que, de modo geral, *O conto da Aia* e *A parábola do semeador*, como romances distópicos, possuem inúmeros elementos que podem ser analisados através da literatura comparada e pelo viés dos estudos de gênero, conforme mostrado no capítulo da análise. Uma vez que essas narrativas propõem uma sociedade imaginada no futuro sob uma perspectiva pessimista, as protagonistas femininas, em meio ao caos social, se destacam por adquirir uma consciência crítica, capaz de libertá-las dos controles opressivos.

Como toda análise, na qual, os objetos de estudo possuem diversas possibilidades interpretativas, ao lançar o olhar sobre os romances de Atwood e de Butler, outros foram deixados à espera de uma visitação. Através da análise, notamos a relação de poder que a religião exerce sobre as protagonistas, estas que não são personagens convencionais comumente encontradas nas narrativas de ficção científica. Nenhuma delas é alienígena, possui super poderes, nem conseguem viajar no tempo, elas são, por sua vez, mulheres comuns que atravessaram as dificuldades encontradas e sobreviveram ao longo do percurso distópico de suas histórias.

Uma questão que podemos notar é em relação ao gênero opressor. Enquanto que em *Robledo*, Lauren era oprimida pelo seu próprio pai, em *Gilead*, Offred sofria opressão dos homens e também das mulheres. À medida que os homens utilizavam o corpo feminino para procriação, as Tias e as Esposas usavam da pequena autoridade que tinham e oprimiam as Aias. Logo, se olharmos mais a fundo, podemos enxergar que essa é uma questão que está bem diante nossos narizes na atual conjuntura social. No sistema patriarcal, não é apenas o homem o sujeito que oprime. Algumas vezes, as próprias mulheres agem de maneira opressiva com outras mulheres, a partir de outras lógicas de estratificação social. Desse modo, formas de controle e subjugação podem vir de qualquer lugar, até mesmo dentro da própria família, como no caso de Lauren. Além disso, essas forças opressoras podem vir de qualquer lugar, até mesmo dentro da própria família, como no caso de Lauren.

Além disso, foi necessário se referir as religiões judaico-cristãs, para entendermos como a Bíblia Sagrada é utilizada como instrumento de poder e de como esses textos que a compõem influenciam a escrita das literaturas ocidentais. A Santa Inquisição, conforme exposto, foi uma grande prova a respeito disso. No entanto, é importante atentar para o fato de que a escritura bíblica é a junção de vários textos escritos pela visão masculina e, além disso, há uma grande



problemática nas interpretações que os envolvem. As autoras, por sua vez, trazem obras que provocam reflexões sobre o que essas interpretações religiosas provocam, especialmente para as mulheres. Percebemos, não só no contexto ficcional das narrativas, mas, também, inferimos que essa prática denominada de fundamentalismo religioso, ainda existe e se faz presente na sociedade contemporânea, disseminando as relações desiguais de gênero.

Por fim, utilizo a ideia da protagonista de Butler, para dizer que o destino da literatura de autoria feminina é “criar raízes entre as estrelas”. É através desses escritos que percebemos as vozes femininas soarem mais alto para questões que permeiam as sociedades humanas. Que as narrativas distópicas continuem sendo possibilidade de alertar as pessoas para as questões desiguais de gênero, que a religiosidade traz em seu íntimo, e que as próximas especulações para o futuro se modifiquem e nos deixem mais próximos de alcançar as estrelas.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Lidiane Cordeiro Rafael de. **Religião, poder e conflitos de gênero: estudo sobre as missionárias da AIECB (Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil)**. 2013. 189f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2013.

ATWOOD, Margaret. **A odisseia de Penélope**. Trad. Celso Nogueira. Companhia das Letras, 2005.

ATWOOD, Margaret. **A vida antes do homem**. Trad. Geni Hirata. Rocco, 2005.

ATWOOD, Margaret. **O ano do dilúvio**. Trad. Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

ATWOOD, Margaret. **O assassino cego**. Trad. Léa Viveiros de Castro. Rocco, 2001.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Trad. de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BORBA, Camile Fernandes. **A obra singular de Octavia Estelle Butler**. Revista Continente. 2020. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/239/a-obra-singular-de-octavia-estelle-butler>> Acesso em: 04/07/2021.

BUTLER, Octavia Estelle. **A parábola do Semeador**. Trad. Carolina Caires Coelho. São Paulo: Morro Branco, 2018.

BUTLER, Octavia Estelle. **A parábola dos talentos**. Trad. Carolina Caires Coelho. São Paulo: Morro Branco, 2019.

BUTLER, Octavia Estelle. **Despertar**. Trad. Heci Regina Candiani. Editora Morro Branco, 2018.

- BUTLER, Octavia Estelle. **Imago**. Trad. Heci Regina Candiani. Editora Morro Branco, 2021.
- BUTLER, Octavia Estelle. **Kindred**: Laços de sangue. Trad. Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017.
- BUTLER, Octavia Estelle. **Ritos de passagem**. Trad. Heci Regina Candiani. Editora Morro Branco, 2019.
- COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: MS: Ed. Universidade Federal de Grande Dourados, 2019. 784 p.
- CONNELL, Raewyn; **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.
- COUTINHO, Eduardo F. **Literatura comparada**: reflexões sobre uma disciplina acadêmica. Revista brasileira de literatura comparada. n. 8. 2006.
- ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- GILMAN, Charlotte Perkins. **Terra das mulheres**. Trad. Ligia Azevedo. 1ª ed. Via Leitura, 2018 (1915), 218 p.
- HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria crítica e literatura**: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Anuário de Literatura, v. 18, n. 2, 2013, 201 -215 p.
- HOWELLS, Coral Ann. **The Cambridge companion to Margaret Atwood**. 1. ed. United States of America: Cambridge University Press, New York, 2006. 217 p.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Globo, 2003.
- LEMONS, Carolina Teles. **Religião e patriarcado**: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. Revista Caminhos - Revista de Ciência da Religião, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez. 2013.
- LIRA, Thaíse Gomes. **A máquina do tempo**: ressonância de H.G Wells na ficção científica distópica do século XX. Dissertação (Mestrado), João Pessoa: UFPB, 2019, 102 p.
- MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- MACHADO, Lia Zanotta. "Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea". In: SCHPUN, M. R. (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 35-37
- MORE, Thomas. **A utopia**. São Paulo: Martin Claret, 2001. [1516]
- MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. Editora Record, 2014.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. Editora Companhia das letras, 2009.

PAVANI, Amanda. **Ficção científica contemporânea escrita por mulheres**: Margaret Atwood, Octavia Butler, Marge Piercy, Connie Willis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women 's World Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PIERCY, Marge. **He, She and It**. New York: Knopf, 1991.

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes**: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Belo Horizonte: Editora leitura, 2009.

RODRIGUES, Heitor dos Santos. **O progresso científico em A viagem ao centro da Terra (1864), de Júlio Verne**. Cadernos de Clio, Curitiba, v.8, n.2, 2017.

ROCQUE, Lucia de La; SAWATA, Anunciata; SOUSA, Isabela Félix Cabral de. O corpo da mulher na ficção científica: idas e vindas históricas. *In*: DEPLAGNE, Luciana Calado; CAVALCANTI, Ildney. **Utopias sonhadas/distopias anunciadas**: feminismo, gênero e cultura queer na literatura. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. 101 – 113 p.

RUSS, Joanna. When it changed. *In*: RUSS, Joanna. **The Zanzibar Cat**. Sauk City, Wis: Arkham House, 1983, 42-48 p.

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. Trad. Guacira Lopes Louro. Educação & Realidade, vol. 15, nº 2, jul./dez. 1995.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Trad. Márcia Xavier de Brito, Carlos Primati. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017 (1818), 299 p.

SILVA JÚNIOR, Henrique Gomes da. **A tradução do personagem Winston Smith, de *Nineteen Eighty-Four*, para o cinema**. 2019. 120f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2019.

SILVA, Alexander Meireles da. **A Redenção de Lilith**: o corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia E. Butler. Revista eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo, Vitória da Conquista, v. 1, n. 2, jul-dez, 2012.

VERNE, Jules. **Vinte mil léguas submarinas**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014 (1872), 503 p.

VIEIRA, Danielly Cristina Pereira. **De deusa a demônio a... Lilith Iyapo**: construção do feminino em Dawn (1987) de Octavia E. Butler. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

WELLS, H. G. **A máquina do tempo**. 2. ed. Trad. Braulio Tavares. Rio de Janeiro: Suma, 2018 (1895), 168 p.

ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: UEN, 2009.